O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 21 DE ABRIL DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:685

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A OPPOSIÇÃO A DEFINIR-SE. — IMPOSTO DO PESCADO. — COMMISSÃO DISTRICTAL.--NOTICIARIO. —ANTONIO CANDIDO.—SESSÕES PARLAMENTARES.—SECÇÃO LITTERARIA: ANGOLA E CONGO, *por F. A. Pinto*; A VIAGEM DO PEQUENO GAB, *por Agnello Oscar*.—SECÇÃO AGRICOLA. —PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.— CORREIO DE LISBOA.--TELEGRAMMAS.

AVEIRO

A OPPOSIÇÃO A DEFINIR-SE

Porque o governo fez a adjudicação, gratuita para o estado, de differentes linhas ferreas, a opposição levantou-se na camara dos dignos pares, a fim de protestar contra aquelle facto, attribuindo-o a circumstancias, que de certo não concorreram para o determinar. Pois o Algarve reclamava ha muitos annos a realisação de um melhoramento, que devia opulental-o, tinham-se abandonado algumas dezenas de kilometros, sendo prejudicados os trabalhos feitos, em consequencia do tempo se encarregar de os destruir; e porque o governo tomou em consideração as necessidades d'aquella importante provincia, não hesitou em dar a construcção a uma empreza, que se habilitou convenientemente, sem encargo algum para o thesouro publico.

Ora foi este o thema, que a opposição escolheu para arguir o ministerio. Que não devia fazer taes concessões, porque ligando aquella linha com a do sul, que era do estado, agora que se pretendia vender ou arrendar esta ultima, ninguem poderia competir com os concessionarios do Algarve, por isso que as duas linhas devem entroncar.

Aqui está um argumento bem deduzido. Faz-se uma concessão vantajosa para o paiz. E ainda em cima enrosta-se o governo por o grande melhoramento alcansado, como se em vez de louvar-se o feito, lhe coubesse censura! Poucos são os melhoramentos que não teem custado sacrificios inauditos, resultando d'elles o espantoso augmento da divida consolidada. Pois por agora se ter conseguido dotar o Algarve com uma linha ferrea a valer, é que a opposição desnorteada, brame e protesta, supondo que póde haver alguem no paiz que jure no seu facciosismo partidario!

Que os regeneradores do Algarve exultassem com a realisação de uma obra que a provincia ha tantos annos reclamava inutilmente, seria impulso do patriotismo, que todos haviam de louvar; mas que elles proprios queimassem as derradeiras escorvas, para baterem o que todos supõem util áquella circumscripção, além do facto revelar facciosismo, apresenta-se de modo que deve desagradar aos proprios correligionarios da provincia.

O que se vê é que é difficil satisfazer a todos, e que é impossivel apasiguar as paixões dos que deviam andar melhor avindos com a opinião publica. Porque é futil a argumentação que se estriba nas taes conjuncções das linhas ferreas do sul, quando acima de quaesquer considerações se exhibe a circumstancia do Algarve estar carecido de communicações faceis e directas com as outras provincias, e de as alcançar agora sem que isso importe sacrificio *algum para o erario nacional*. E se houver companhia que se proponha tomar de arrendamento ou que queira comprar a via do sul, a constructora do Algarve concorrerá para que o contracto ssja mais vantajoso para o estado, e em vez de prejuizo, teremos vantagem, ao contrario do que parece inculcar a opposição.

Tudo isto devia dizer-se em publico, para que os regeneradores do Algarve não suponham que as suas palavras teem o cunho do evangelho. Não o teem, e até dão direito aos seus correligionarios e amigos de verem com maus olhos a hostilidade declarada contra um melhoramento importante, que só o partido progressista tomou a sério, conforme os mais caros interesses d'aquella parte do paiz.

IMPOSTO DO PESCADO

Sobre a cobrança do imposto do pescado, o governo acaba de decretar o seguinte:

«Convindo suscitar o cumprimento das leis e outros diplomas sobre a administração e fiscalisação do imposto do pescado, e estatuir regras certas e invariaveis ácerca da sua cobrança, fixando as responsabilidades que possam tocar pela sua não observancia: manda Sua Magestade El-rei, pela administração geral das alfandegas e contribuições indirectas, declarar o seguinte:

1.° Que o imposto do pescado estabelecido e regulado pela carta de lei de 10 de julho de 1843 e decretos de 30 de dezembro do mesmo anno, de 7 de dezembro de 1864 (n.° 5), de 1 de setembro de 1881 e 21 de outubro de 1886 e portarias de 8 de abril, 10 de junho e 14 de outubro d'este ultimo anno, com os addicionaes acrescidos pelas leis de 12 de dezembro de 1844, e 30 de junho de 1860, abolidos e encorporados no dito imposto pela lei de 31 de março de 1880, e com o que sobre elle recáe por lei de 27 de abril de 1882, é de 6,996 por cento, ao qual é sujeito todo o peixe que se apanhar nas aguas territoriaes portuguezas, comprehendendo rios, canaes e lagoas;

2.° Que, feito o abatimento determinado na portaria de 10 de junho citada para comedorias ou caldeiradas, restomengas e carnadas, que do imposto são isentas pelo § unico do artigo 1.° da lei de 10 de julho de 1843, o mesmo imposto com o addiccional por lei de 27 de abril de 1882, fica sendo de 5 por cento, ou seja 4,717 de imposto principal e 0,283 do adicional;

3.° Que o pagamento do dito imposto deverá verificar-se onde o peixe fôr exposto á venda, exceptuando-se d'esta regra o peixe que vier ao mercado de Lisboa ou seja conduzido pelos proprios pescadores ou por enviadeiros ou contractadores, o qual pagará o imposto na competente estação, calculada sobre o preço da venda deduzindo-se o que porventura se houver pago no local do desembarque, comprovado por guia passada pelo encarregado da cobrança n'este local;

4.° Que o pagamento será feito em dinheiro no acto da venda ou leilão do peixe nos sitios aonde este ou aquella se effectuar, ou em especie, quando não seja vendido, e sim distribuido em quinhões pelos pescadores;

5.° Que, sempre que o imposto deva ser pago em dinheiro, cobrarão os respectivos encarregados 5 por cento sobre o producto total da venda do peixe ou sobre o preço de uma exacta avaliação quando o contribuinte prefira fazal-o por esta fórma;

6.° Que, no caso do pagamento ser feito em especie se apartará para o estado um, de cada vinte peixes, sendo o peixe recebido pelo imposto immediatamente vendido em leilão pelo empregado fiscal, com responsabilidade d'este para com a fazenda publica, tanto pelo producto da venda como por quaesquer prejuizos que resultem de lesão ou dolo na mesma venda;

7.° Que, sempre que fiquem bem garantidos os interesses do estado, se poderá permittir o pagamento do imposto por meio de avença, pelo praso de um anno economico, a qual será regulada pelo artigo 3.° da carta de lei de 10 de julho de 1843 e artigo 87.° do decreto de 1 de setembro de 1881, e effectuar-se-ha perante a competente alfandega ou delegação, mediante fiança idonea prestada pelo avençado, sendo o seu preço pago em prestações mensaes, e no ultimo dia do mez a que cada uma d'ellas respeitar;

8.° Que nos locaes em que não seja possivel realisar a cobrança do imposto no acto da venda do peixe por falta de pagamento immediato do producto da venda pelos compradores no caso de abundante pescaria, os agentes fiscaes incumbidos da sua arrecadação, tomarão nota das vendas feitas e procederão á liquidação mensal das contas dos arraes, administradores ou chefes das companhas, aos quaes é permittido, prestando fiança idonea por um anno economico perante a respectiva alfandega ou delegação, pagar até ao penultimo dia de cada mez as quantias, que até essa data lhes forem liquidadas;

9.° Que no respectivo termo se deverá consignar que o fiador fica sujeito ás penas dos fieis depositarios, e não pagando o devedor no dia marcado e o fiador no immediato fica *ipso facto* quebrada a fiança e sem effeito o contrato, não podendo mais admittir-se pagamento nas condições dos n.os 7.° e 8.°;

10.° Que, pago o imposto do pescado, se passará documento da sua cobrança e nada mais se exigirá a titulo de imposto de venda em qualquer ponto do paiz para onde o peixe seja transportado, salvo a excepção do n.° 3.°;

11.° Que, todas as receitas arrecadadas nos postos incumbidos da cobrança do imposto do pescado serão entregues diariamente nas respectivas delegações ou nas recebedorias das comarcas e suas dependentes, quando taes recebedorias estiverem a menor distancia do que a delegação;

12.° Que, as circumstancias especiaes do serviço ou da localidade, reconhecidas pela administração geral das alfadegas, não permittirem o cumprimento do disposto no numero antecedente, far-se-hão entrega semanal ou mensalmente, conforme taes circumstancias o exigirem;

13.° Que, se os pescadores, arraes, administradores e chefes das companhas se recusarem a pagar o imposto, acto continuo ao da venda ou divisão de peixe, será este apprehendido e punidos elles como descaminhadores de direitos, salvo o caso de se haver permittido o pagamento nos termos dos n.os 7.° e 8.°;

14.° Que, a falta de cumprimento das prescripções d'esta portaria obriga os encarregados da administração e cobrança do imposto do pescado a todos os prejuizos que por sua causa vierem ao estado, ficando responsaveis pelas quantias que não cobrarem ou dividas que crearem, de cujas importancias será a fazenda publica por elles e á sua custa embolsada;

15.° Que pela mesma fórma com igual responsabilidade á do numero antecedente ficam os chefes das circumscripções aduaneiras, quando, sabendo de quaesquer abusos, não tomarem as necessarias providencias para os reprimir, ou não acautelarem devidamente os interesses do estado;

16.° Que ás alfandegas cumpre remetter á administração geral das alfandegas e contribuições indirectas até ao dia 8 de cada mez, uma nota do imposto cobrado no mez anterior, organisada nos termos do modelo que acompanhou o officio de 17 de novembro de 1885, devendo n'ella descrever-se em verbas separadas o imposto e o addicional de 6 por cento, usando-se, para facilitar o processo da dita nota, de uma tabella da percentagem de 94,339, multiplicada successivamente até 10, a qual applicada a qualquer verba, que comprehenda o imposto e o addicional, fará conhecer a importancia do primeiro;

17.° Que, além das visitas que incumbem aos chefes das circumscripções aduaneiras, serão os postos do pescado visitados pelos inspectores aduaneiros duas vezes por anno, uma no mez de julho e outra no mez de janeiro, recebendo para esse effeito as necessarias instrucções da administração geral das alfandegas e dos administradores dos respectivos circulos.

Paço, em 19 de abril de 1888.=*Marianno Cyrillo de Carvalho.*»

COMMISSÃO DISTRICTAL

SESSÃO DE 20 DE ABRIL DE 1888

Presidencia do ex.mo sr. Visconde Valdemouro.

Presentes, o vogal substituto o sr. José Pereira Junior e o secretario Manuel Pereira da Cruz.

Aberta a sessão pelas 10 horas da manhã, a Commissão Executiva da Junta Geral tomou conhecimento dos seguintes negocios:

Foi presente o balanço do movimento do cofre da Junta Geral d'este districto durante a semana finda em 15 do corrente, sendo a receita incluida no saldo da semana antecedente da quantia de 6:219$724 réis e a despeza de 58$375 réis, passando para a seguinte semana um saldo da quantia de 6:161$349 réis, sendo 649$950 réis representados por papeis de credito e o restante em metal, existindo mais em cofre 282 obrigações districtaes do emprestimo contrahido com a Companhia Geral do Credito Predial Portuguez.

Deliberou remetter ao administrador do concelho de Sever do Vouga o processo de investigação contra o professor de Silva Escura do mesmo concelho José Joaquim Roiz, a fim de inquerir as testemunhas por este dadas em sua defeza constante do mesmo processo, intimando-se o mesmo professor e a Junta de parochia de Silva Escura para assistirem, querendo, á referida inquirição.

Deliberou não usar do direito de suspensão com respeito á deliberação tomada pela camara municipal de Arouca em sua sessão de 22 de março ultimo, sobre a expropriação amigavel d'uma porção de terreno em frente do cemiterio municipal da mesma villa, para ali se estabelecer uma alameda.

Deliberou representar ao governo de S. M. pedindo a concessão d'um subsidio pecuniario para as despezas de installação do Asylo-Escola, d'artes e officios, para a educação de menores expostos, desvalidos e abandonados, que a Junta Geral d'este districto acaba de criar.

Foram presentes os resumos das deliberações das seguintes camaras municipaes:

Estarreja, da semana finda em 8 do corrente;

Agueda, de 22 de março;

Anadia, de 17 e 24 do mesmo mez;

Aveiro, de 22 do mesmo mez;

Oliveira do Bairro, de 15 de setembro; 6, 13, e 20 de outubro; 7, 15, e 24 de novembro; 1, 9, 15, e 22 de dezembro do anno findo; e 5, 12, e 26 de janeiro; 3, 9, e 23 de fevereiro; e 8 de março do corrente anno;

Oliveira d'Azemeis, de 4 do corrente mez.

NOTICIARIO

Estada. — Tem estado em Coimbra no exame da penitenciaria districtal e cadeia comarcã, o sr. Augusto Maria de Castro Côrte-Real, muito digno Procurador Regio junto á Relação do Porto. S. ex.a tem sido alli muito procurado, pois que é geralmente bem visto em todos os pontos do districto onde as suas apreciaveis qualidades de magistrado e de cidadão são conhecidas. S. ex.a deve ter regressado já ao Porto.

Notas da carteira.— Esteve n'esta cidade, onde veio em serviço, o ex.mo sr. Adolpho Loureiro, illustradissimo e incansavel inspector da 2.a circumscripção hydraulica.

— Esteve ha dias em Aveiro com sua estimavel espoza o nosso antigo amigo o sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, digno magistrado judicial, collocado ultimamente em Celorico de Basto, que é uma das melhores comarcas do Minho. Veio s. ex.a assistir ao exame de admissão do seu filho mais velho, que ficou plenamente aprovado.

— Entrou em franca convalescensa o revd.mo sr. conego Manuel Homem de Macedo da Camara e Motta, da casa do Rodolho, concelho d'Agueda. A s. ex.a o nosso cordeal parabem.

— Veio de Lisboa a Ovar, a fim de defender alli uns réus, o sr. dr. Albano de Mello, illustrado representante do circulo plurinominal d'Aveiro.

— Acha-se doente em Lisboa, a filha mais nova do sr. presidente do conselho. A ex.ma sr.a D. Julia Seabra de Castro soffre de uma bronchite. Desejamos á gentil sr.a prompta convalescensa.

— Tem passado incommodada, com uma bronchite, a ex.ma sr.a D. Anna Barros Lima, presada esposa do nosso estimavel amigo, o sr. Luiz do Rego Barros Lima, digno director do serviço de matrizes n'este districto. Desejamos as melhoras de s. ex.a

— Sahiu em serviço, para Luso, o sr. commendador Casimiro de Menezes, muito digno director das obras publicas d'este districto.

— Fez annos na proxima passada quinta-feira o nosso amigo e collega sr. Francisco de Magalhães. Um apertado e affectuoso abraço.

Aposentação. — Requereu a sua aposentação, em consequencia do seu estado de saude, o sr. Rodrigues do Valle, illustrado secretario da camara municipal de Anadia.

Santa Joanna.—No dia 13 do proximo mez de maio ha de verificar-se com a pompa costumada a solemnidade em honra de Santa Joanna Princeza, gloriosa padroeira d'esta cidade, constando-nos que será muito concorrida de gente de fóra.

Senhora das Dôres. —No domingo teve grande concorrencia a festividade á Virgem das Dôres, nas Carmelitas, cujo templo estava vistosamente engalanado, bem como o altar, onde brilhavam muitos lumes e bellas flôres contrafeitas. A imagem tinha um rico vestido de setim bordado a ouro em alto relevo, dadiva de varios devotos d'esta cidade.

Academia musical de Coimbra.—O programma que a sympathica estudantina tenciona executar no sarau do dia 5 de maio em Aveiro é o seguinte:

Primeira parte:—1.° Hymno Academico; 2.° Habanera para orchestra e coros, ***; 3.° Manolo, Suite de walses, *Waldteufel*; 4.° El Toledano, passo doble, ***.

Segunda parte:—5.° Viva Aveiro, passo doble, *S. de Carvalho*; 6.° Recordações de Coimbra, walsa, *S. de Carvalho*; 7.° Moraima, capricho para 2 violinos, *Espinosa*; 8.° Jota para orchestra e coros, *Tudela*.

Terceira parte:—9.° El Turco, passo doble, *Espinosa*; 10.° Capricho para piano e flauta, *J. Briccialdi*; 11.° Naná, polka, *Mazzi*; 12.° Les songes dorés, suite de walses para 2 violinos, *Raspal*; 13.° Hymno Academico.

Nos intervallos, recitarão varios monologos e cançonetas os distinctos academicos, Alvaro de Vasconcellos, Luiz Gama, Souza Martins e Magalhães Bastos.

A instrumentação para orchestra de todo o reportorio da Academia musical é do ex.mo sr. dr. Antonio Simões de Carvalho Bastos, professor de musica da Universidade e regente da Estudantina.

Os sympathicos membros da Academia musical chegam provavelmente no dia 5 ás 5 horas, em comboyo especial. Acompanham-os muitos Academicos, seus collegas.

A assignatura para o sarau acha-se aberta desde quinta-feira proxima até ao dia 1 de maio na tabacaria de Cesar Augusto Ferreira, rua dos Mercadores—Os bilhetes não vendidos até esse dia serão remettidos para Coimbra.

Theatro em Ilhavo.— No domingo ultimo houve uma recita, por curiosos, no theatro recreio artistico ilhavense, levando á scena o conhecido e festejado drama *Trabalho e honra*, e a chistosa comedia *Por causa d'um clarinete*. O desempenho foi correcto por parte dos actores, rapazes d'alli, que tão bem empregam as horas d'ocio, revelando excellentes disposições para o palco. A enchente era completa. Sabemos que a mesma sociedade dramatica projecta representar a *Morgadinha de Val-Flôr*.

Falta de trabalho.— Falta actualmente aqui para carpinteiros e alveneres, apesar mesmo das obras do caes do Cojo occuparem alguns braços. Em virtude d'isso pediu-se ao sr. ministro da guerra que ordenasse o adiantamento das obras do quartel do 10, e s. ex.a, sempre prompto a auxiliar tudo o que é util e proveitoso a esta terra, ordenou que áquella importante edificação se désse o maximo desenvolvimento.

Os operarios sem trabalho deverão procurar os dignos directores da obra e pedir-lhe emprego alli—emprego que lhe não será negado.

Escada Magirus. — A camara de Guimarães acaba de conceder á Associação de Bombeiros Voluntarios d'aquella cidade 100$000 reis para a compra d'aquelle instrumento salvador. Ao digno commandante de bombeiros voluntarios d'esta cidade lembramos a conveniencia de se informar sobre as vantagens da escada *Magirus*, e se for julgada precisa para completar o nosso material de combate, é de crer que a municipalidade não lhe negue para isso os meios necessarios.

Vacina.—Já chegou o virus vacinico que a camara d'esta cidade mandou vir de Lisboa, e vae começar aqui por conseguinte a vacinação das crianças. Será bom que os chefes de familia se não esqueçam, n'este caso, de seu dever paternal.

Exportação. — O nosso apreciavel amigo, o sr. Julio Cesar Ferreira Duarte, importante proprietario e negociante d'Anadia, mandou, por sua conta, para Bordeus, muitas pipas de vinho da Bairrada. Oxalá que faça boa venda para poder continuar.

Compostura.—Procede-se actualmente por conta das obras publicas á reforma da calçada da Costeira, que estava em lamentavel estado.

O emprestimo.—No cofre central d'este districto apresentáram-se no dia 19 vinte e quatro subscriptores do novo emprestimo, requisitando 85 obrigações!

Matrizes prediaes.— O illustrado correspondente, que o nosso presado collega—*O Primeiro de Janeiro*, tem em Anadia, affirma que as matrizes estão suspensas n'aquelle concelho, e que vão ter uma nova fórma. Temos a dizer ao nosso amigo, que se enganou, ou o enganaram redondamente, pois nem as matrizes, ou inspecção aos predios foi suspensa, por ordem superior, nem pódem ellas ter outra fórma, que não seja a marcada nas instrucções.

Errata.—Na noticia, que publicámos no ultimo numero ácerca das matrizes prediaes escapou um erro, que nos cumpre rectificar. Onde se lê —*rever*, deve ler-se—escrever.

Aos interessados. — Acaba de nos ser remettido pela recebedoria d'esta comarca o seguinte

AVISO

O Recebedor da comarca convida os cidadãos abaixo mencionados, para comparecerem na sua repartição em todos os dias não sanctificados, das 9 horas da manhã ás tres da tarde, com os conhecimentos das collectas industriaes que houverem pago do anno de 1887, a fim de se liquidar a importancia a que tiverem direito pelo prompto pagamento, visto serem contra elles as liquidações feitas no acto da cobrança.

Aveiro 20 d'abril de 1888.

Dr. Francisco Augusto Lobo Castello Branco, dr. Manuel Joaquim Massa, dr. Antonio Honorato Marques Perdigão, Aurelia da Encarnação, Maria Emilia Biaia, José Antonio Marques, Antonio Ferreira da Encarnação, Francisco de Lemos, Maria, viuva de Caetano Ferreira Patacão; Anna Victoria, viuva de José Pedro Amador; Perpetua Marques, dr. Eugenio da Costa e Almeida, Delfim Correia de Mello, Clara Roza da Conceição, José do Nascimento Ferreira Leitão, João Rodrigues Lontro, Francisco Antonio Barbosa, Luiza de Jesus Moreira, José Maria Pereira do Couto Brandão, Anna Pereira Rezende, José Pereira Junior, Antonio Ferreira Patacão Pacheco, José Monteiro Telles dos Santos Junior, dr. Manuel Pereira da Cruz, Domingos José dos Santos Leite, Francisco Augusto Duarte, Francisco dos Santos Pereira de Mello, João Pedro Soares, Antonio José Martins, Manuel Francisco Genio, João da Cunha, Amadeu de Faria Magalhães, David da Silva Mello Guimarães, Eugenia Balbina da Maia, dr. Manuel Nunes d'Oliveira Sobreiro, dr. Manuel Maria da Rocha Madail, dr. José Tavares d'Almeida Lebre, José Bernardo Balseiro, Pedro Moreira, José Maria da Naia Junior, Thomé Pereira Veiga, Leonardo da Cruz, João Balseiro Mendes, Luiz Correia, Manuel Henriques, Antonio da Cruz, Florinda Roza de Jesus, Bernardo Antonio da Graça, dr. Alexandre José da Fonseca, Manuel Marques d'Almeida, Antonio da Costa Azevedo, Francisco Emilio da Luz e Costa, dr. Antonio José Rodrigues Soares, José Maria d'Oliveira Vinagre, dr. João Mendes Correia da Rocha, João Bernardo Ribeiro Junior, Guilherme dos Santos Urbano, Manuel Gonçalves Andias Novo, Manuel Gaspar da Naia, Florentino Vicente Ferreira e Lourenço Vicente Ferreira.

Acto bom. — Um collega nosso d'Oliveira d'Azemeis conta o seguinte caso:

«No dia 13 do corrente, quando regressava da feira de Penafiel o sr. Vicente Ribeiro Beirão, perdeu, desde a estrada de Ovar a sua casa, uma sacca de viagem contendo cerca de 2:000$000 em metal e papel. No dia seguinte, tendo o mesmo sr. de partir para Lisboa, appareceu-lhe o sr. dr. Antonio de Oliveira Valente, da casa dos Baldaias, em Ovar, que lhe pediu para que se utilisasse de alguma cousa, offerecimento que o sr. Beirão agradeceu. Contando o sr. Beirão o que lhe acontecera na vespera, o sr. dr. Valente instou para que o acompanhasse a sua casa e ahi lhe entregou a sacca de viagem com todos os valores, que uma pobre mulher havia achado e entregado. Consta-nos que o sr. Beirão gratificára generosamente a mulher.»

E' muito para louvar o procedimento da pobre mulher.

Emigração.—No mez de fevereiro entraram no porto do Rio de Janeiro 4:375 emigrantes. D'este numero foram portuguezes 1:383!

Alterações nos fardamentos.—O sr. ministro da guerra, tendo em vista o grande debito, tendente a augmentar, deixado pelas praças que passam á reserva, de divida de fardamento, mandou que pelas inspecções de infanteria e cavallaria fosse estudado este assumpto propondo as modificações ou reducções nos artigos de vestuario, que julgarem convenientes.

Parece que ha idéa de eliminar o casaco ou o jaleco; este ultimo, depois de ligeiras modificações, seria pelo seu custo preferivel ao primeiro.

A herança do Cidade.—Ainda a fortuna do riquissimo proprietario de Guimarães, que tanto tem dado que fallar. Em audiencia de 9 do corrente, foi distribuida n'aquella comarca, uma acção de reivindicação a requerimento dos verdadeiros parentes contra os que indevidamente estavam habilitados, que segundo é publico e consta da acção agora proposta, nunca pertenceram á familia do Cidade.

Exposição industrial. —A commissão executiva da exposição industrial portugueza communica aos expositores que ainda lhe não remetteram os seus productos, que os devem enviar sem demora, ficando as despezas de transporte a cargo da referida commissão; que sendo a cargo dos expositores ou de individuos de sua escolha, a recepção, a abertura, a installação, a exhibição e a conservação dos respectivos volumes e productos, a commissão pede aos expositores lhe indiquem qual a pessoa que cada um encarrega d'aquelles serviços, ou se preferem que a commissão os mande executar sob sua direcção.

A recepção dos productos foi prorogada até 30 do corrente mez. Na proxima semana principiará a installação dos já existentes em poder da commissão.

Medida preventiva.— A camara de Barcellos estatuiu que os fornecedores de carnes verdes no seu concelho não possam elevar o preço do genero sem a prevenirem 60 dias antes, de que o fazem, sob pena de serem multados em 40$000 reis. Anteriormente a esta imposição a multa era apenas de 20$000 reis.

Vinho. — Durante o mez de março entraram em Bordeus 11:644 cascos com vinho, procedentes de portos portuguezes, e até 15 do corrente 4:542, sendo 932 do Porto e os restantes de Lisboa.

Preço do milho. — No concelho de Marco de Canavezes tem subido consideravelmente o preço dos cereaes. O milho já se acha elevado a 660 reis cada 20 litros. O mesmo não acontece com o preço do vinho, que tende a baixar, oscillando entre 16$000 a 12$000 reis cada pipa.

Viagens circulatorias —Desde o dia 1.° do proximo mez de maio, a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes e a Sociedade dos Caminhos de Ferro de Madrid a Caceres e a Portugal, em serviço combinado com as Companhias de caminhos de ferro do Norte de Hespanha, de Tarragona a Barcelona e França, de Almanza a Valencia e Tarragona, e de Madrid a Zaragoza e a Alicante, estabelecem viagens circulatorias em Portugal e Hespanha por occasião das exposições universal de Barcelona e regional de Madrid. Os bilhetes, a preços reduzidos, validos por 45 dias, téem a faculdade de demora nas estações de transito. O ultimo dia de venda é em 31 de outubro do corrente anno, sendo o ultimo dia para regresso em 31 de dezembro. Os preços dos bilhetes, são: em 1.a classe, 39$680; e em 2.a, 29$900. O itenerario é o seguinte: Lisboa, Entroncamento, Coimbra, Porto, Marvão, Valencia de Alcantara, Caceres, Madrid (Delicias), Toledo, Madrid (Atocha), Zaragoza, Barcelona, Tarragona, Valencia, Encina, Alcazar, Ciudad Real, Badajoz, Elvas, Entroncamento e Lisboa.

«Commercio d'Arouca».—Com este titulo acaba de publicar-se um jornal n'aquella importante villa. E' semanal e bem escripto. Traz o retrato do illustre ministro das obras publicas cujo elogio faz. Saudando o aparecimento de mais um collega, cumprimos apenas grato dever.

Publicações.—ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES, com 50 aguarellas originaes d A. R. Gameiro, Columbano, Condeixa, Malhôa, Macedo, Bordallo Pinheiro e outros, e artigos descriptivos de Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha, publicação quinzenal aos fasciculos, ao insignificante preço de 200 reis.

A obra que apresentamos hoje aos leitores, é tudo quanto póde imaginar-se de belle, e deliciosamente original e pitoresco.

O 1.° fasciculo, que temos á vista, é um elegantissimo exemplar do que será uma magestosa galeria completa de todos esses typos, interessantissimos sob todos os pontos de vista. Serão elles: o *ferro velho*, o *trapeiro*, que é o publicado já, o *amolador*, etc., etc., confiado a uma distincta pleiade de talentosos artistas, altamente considerados, como os nossos leitores vêem acima. A parte litteraria completa o notavel conjuncto de bellezas que dão a esta primorosa publicação um accentuadisso cunho de admiravel originalidade. A sua acquisição é importante, e nada ha mais facil pois é deminutissimo o seu preço. Vejam os nossos subscriptores o annuncio que vae na competente secção.

— A MODA ILLUSTRADA.—Ha muito que entre as mais distinctas elegantes este jornal está sendo a grande *fashion*, não só pela novidade, como pelo exquisito bom gosto dos seus figurinos, cujo finissimo tom parisiense se accentúa em todos os modellos alli publicados.

O n.° 224 vem o mais attrahente que se póde imaginar tanto no que respeita ás ultimas modas como na parte litteraria.

Cada numero da *Moda Illustrada* consta de 12 paginas, 8 das quaes inteiramente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes custando apenas 200 réis.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52 Lisboa.—No Porto, na sua Filial, Praça de D. Pedro, 127, 1.° andar.

Canal do isthmo de Panamá.—Resumem-se n'estas palavras singelas, a par do melhoramento material mais grandioso do nosso seculo, o genio emprehendedor de Fernando de Lesseps, o grande engenheiro francez, que tendo dotado o mundo com o canal de Suez, aproximando da Europa a Asia, tracta com a mesma coragem homerica de completar a sua obra, abrindo o canal de Panamá, situado exactamente ao centro das duas Americas, com o fim de pôr em communicação ainda mais rapida as costas occidentaes do oceano Atlantico com as do Pacifico e Polynezia. Esta obra por tantos titulos gigante, que ha-de vir a ser como é Suez, a primeira arteria do imporio commercial do mundo, mede 75 kilometros de mar a mar, ou 15 leguas.

Decorre atravez de valles, planicies, pantanos, rochas e desfiladeiros imponentes. Entra proximo á cidade de Colon sobre o Atlantico e vae sair proximo tambem á antiga cidade de Panamá sobre o Pacifico.

Do lado do Atlantico aproveita o leito e margens do rio Chagrer, do lado do Pacifico, segue os da linha do rio Grande.

A parte mais difficil do canal é certamente a dos kilometros 25 e 62 que accusam importantes trabalhos de encanação em uma parte consideravel a cortar uma rocha n'um enorme perfil longitudinal.

Do lado do Atlantico rasga sómente terrenos, adoptando-se o processo da dragagem ou encanação; mas do lado opposto acontece o contrario: a rocha viva ahi eleva-se qual castello feudal, como que defendendo á sciencia, n'aquelle ponto, os segredos d'esse ainda novo mundo.

Quem subir ao ponto mais culminante do lado de Panamá, observa um dos panoramas magnificos do globo: ahi proximo, o Pacifico, sobre cuja superficie ondulante fluctua uma nevoa com a transparencia e o rosado do sol dos tropicos; Panamá ao fundo, a cidade fundada pelos hespanhoes, estendendo ao longo da costa as suas ruinas, é ainda uma formosa povoação recortada sobre ampla bahia vestida de muitas ilhotas e magnifica vegetação, tem seus longes de Napoles.

Do lado do Atlantico ha paizagens de belleza incomparavel, ornadas pela mais rica variedade de plantas que os inglezes, deslumbrados, classificaram de *flora parasidiaca*.

Como reverso da medalha encontra-se proximo o valle da Morte, cujas emanações perniciosas sahidas dos pantanos occultos no maciço das tufeiras, prozudem os funestos effeitos da *malaria*, como nos primeiros tempos na campina romana.

Esta soberba obra, estará concluida dentro de pouco tempo, como noticias do estrangeiro o tem affirmado.

Methodos europeus da colonisação.—Um escriptor inglez, para nós insuspeito, fazendo justiça ao genio colonisador dos portuguezes, que abraçou sempre a religião de Christo para trazer ao convivio da civilisação os povos selvagens, dizia com toda a philosofia historica que no estabelecimento de qualquer colonia, a primeira coisa que os diversos povos europeus tratavam de fazer era: os inglezes abriam uma cervejaria; os hollandezes uma taverna; os francezes uma aula de dança e os portuguezes tendo arvorado uma cruz na primeira imminencia que encontravam, fundavam logo n'um local apropriado uma egreja.

As manteigas falsificadas.—Em Caen, França, foi condemnado a tres mezes de prisão um negociante que vendia manteiga falsificada com margarina. Como appellasse da sentença, o tribunal superior elevou-lhe a prisão a quatro mezes, apesar do réu ter sido defendido por uma das principaes notabilidades do fôra parisiense, M. Laguerre.

Praça do Campo de Sant'Anna.—São interessantes os promenores, que dá o *Jornal do Commercio* ácerca d'este circo tauromachico:

Construiu-se aquella praça no anno de 1832, de eterna recordação, por ordem do sr. D. Miguel de Bragança, e debaixo da direcção do cavalleiro João José dos Santos Sodovem.

A causa da inauguração d'aquelle pardieiro foi a seguinte:

Querendo o sr. D. Miguel dar uma corrida de toiros em beneficio da Real Casa Pia de Lisboa, mandou chamar um tal Cordeiro, então dono da praça do Salitre, que era a unica praça que havia em Lisboa e seus arredores, e disse-lhe que a emprestasse para se realisar o beneficio, dando o Cordeiro a praça e o sr. D. Miguel os toiros, que os tinha excellentes nas herdades do Infantado, e os seus criados, uns pegadores tambem optimos, quasi todos de Salvaterra de Magos.

Respondeu Cordeiro que não podia ceder a praça sem que lhe dessem 50 moedas.

Agastado D. Miguel com tal resposta, ordenou a João Sodovem, então seu amigo inesperavel, que fosse sem perda de tempo escolher local para se fazer uma praça de toiros; João Sodovem escolheu aquelle em que se acha ainda hoje no Campo de Sant'Anna, e foi logo começada e acabada pelas obras publicas, que por ordem do sr. D. Miguel mandaram immediatamente para ali o material e operarios precisos.

Realisou-se o beneficio, e D. Miguel fez doação da praça a Casa Pia. Em seguida publicou um decreto em que expressamente se prehibia o construir praça alguma de toiros em Lisboa e em cinco legoas em redor da capital.

Em vista de tal decreto a praça do Salitre deixou logo de funccionar como praça de toiros, servindo mais tarde como circo de cavallinhos, arlequins de D. José Serrate e madame Tournour.

Tem, portanto, aquella praça 56 annos.

Correio da moda.—Da *Moda Illustrada*, excellente jornal das familias, de que é editor o sr. David Corazzi, extractamos o seguinte:

«A inconstancia do tempo tem retardado um pouco o apparecimento das nossas *toilettes*, mas vêem-se já os armazens e casas de modas cheios de uma multidão de elegantes que escolhem entre todas essas maravilhas que Paris nos envia o que é mais bonito, o que apresenta mais novidade, e emfim o que melhor lhes ficará. As modas actuaes pedem para ter um cunho de simplicidade que agrada. E' verdade que esta simplicidade não pode ser olhada pelo lado economico, porque, se as saias não téem aquella complicação de rufos, de folhos e de tufos que d'antes as cobriam, são agora ornadas com bordados, gallões ou finas passamanarias de preço muito elevado.

No começo das estações não se póde dizer com toda a certeza o que se usará, e a rasão é simples. Apresentam-se tres ou quatro modas novas, e muitas vezes não é a que tem maior belleza que se torna a preferida.

Vamos dizer n'este «Correio» as tendencias geraes da moda e á proporção que outras venham apparecendo ou que estas se vão modificando o faremos notar ás nossas leitoras.

Primeiro fallemos dos tecidos que hão de compôr as *toilettes* n'estes mezes de verão.

Nas sedas ha uma variedade espantosa! São quasi todas molles, flexiveis. e n'este caso estão os *taffetás-glaces* e as de furta-côres. N'estes ultimos ha-os de duas côres, ou de uma só em tons diversos e que apresentam reflexos lindissimos. Além d'estes, vêem-se as bengalines pintadas com deliciosos desenhos sobre fundo claro; os foulards, os crepons, que imitam o tokin e como elle cahem em prégas elegantes, e uma seda nova chamada «Victoria», que é a fina e ligeira de cordão saliente, formando riscas largas. As *moirée* estão cada vez mais em voga. São velharias que a moda aproveita e apresenta como novidade. Vê-se a *moiré* franceza, em ondas miudas, salpicada de bonitos ramos de flores, das quaes as côres variam segundo o modo como lhes dá a luz, e a *moiré antique* coberta em parte em grandes desenhos. Usam-se tambem muitos os pekins, sendo uns em riscas largas e outros em riscas estreitas ornadas de grinaldas ou ramos no genero Pompadour, verdadeiras sedas do seculo passado, com côres extinctas, que se harmonisam admiravelmente. Além dos tecidos que dissemos, fazem-se *toilettes* destinadas para a noute, em gazes e musselinas de seda, que são tão finas e flexiveis que facilmente passariam por um annel. Devem estes tecidos ser applicados sobre falhe, e são-lhes precisos alguns apanhados.

Quanto ás fazendas de lã, são uma belleza!

Os *voiles*, os *crepons*, os *pongés*, todos estes tecidos, emfim, que se podem preguear ou franzir sem receio de os vêr tufar, é que estão em moda e que são olhados como mais elegantes.

Quanto aos feitios, eis aqui as regras que seguem as modistas nos trajes novos:

As saias são simples, pouco enfeitadas e com as guarnições postas a liso. Nada de apanhados nos *costumes* de seda, ou nos de lã compostos de tecidos lisos o de riscas. A fazenda lisa fórma a saia e a de riscas o corpo; porém, se este é redondo sem abas, emprega-se então o tecido liso para o corpo, emquanto que a saia se faz em riscas. Quando o tecido é molle, *voile, crepon, crepe* ou *surah*, fazem-se ainda um pouco pregueadas, mas os apanhados são muito cheios e sem formarem tufos de modo algum.

São os corpos todos enfeitados na frente, quer seja com rebuços, quer com outros enfeites, como bordados, camisinhas, peitilhos, prégas cruzadas, tudo, emfim, quanto a phantasia das modistas póde crear.

As mangas, que se usavam muito lisas, são agora enfeitadas junto á hombreira. Umas formam em cima tufo, continuando depois em prégas finas e chatas até ao cotovello ou mesmo chegando ao punho. Outras téem laços, passamanarias, galões com hombreiras de vidrilhos cahindo em grandes franjas.

Nas guarnições encontra-se tambem uma grande variedade. São bordaduras maravilhosas e de grande preço, feitas com sedas em relêvo e a que se mistura o ouro e o aço. Muitas rendas crúas, nas quaes os centros dos desenhos se enchem com seda furta-côres, o que produz magnifico effeito. Vêem-se lãs bordadas tom sobro tom, que formam vestuarios muito elegantes e de bom gôsto. Galões lisos ou bordados em todos os generos. Tiras tecidas nos mesmos vestidos, as quaes formam barras nas saias, ou cortadas se applicam como se quer. Passamanarias tão finas e delicadas que imitam perfeitamente bordados, sendo formadas com contas de metal ou de crystal de côres. O que já se vai usando menos para as *toilettes* de grande gôsto e feitas nas primeiras modistas, é o ouro, mas usam-se differentes metaes nos bordados e passamanarias. Nos trajes mais simples emprega-se muito o moiré e pekin em barras ornando os tecidos lisos.

Quanto ás côres que são moda, repetiremos o que differentes vezes temos dito: escolham vv. exc.as sempre aquellas que lhes ficarem melhor, porque todas se usam. Nos modêlos de chapéus o que mais se vê é o verde n'um tom pallido e o amarello nas flores. Estas duas côres são bonitas em seda e não se podem vêr em lã. Nos tecidos para vestidos vê-se o verde, o gris, lilaz, malva, beije, linho crú e vermelho. Mas todas estas côres as vêmos agora em tons que nos eram desconhecidos e que agradam pela novidade que apresentam.— *Elvira Gorjão.*»

ANTONIO CANDIDO

Eis o discurso pronunciado pelo mais notavel dos oradoras contemporaneos, no brilhante sarau, que a imprensa de Lisboa conseguiu realisar em S. Carlos em beneficio das victimas sobreviventes do Baquet:

MINHA SENHORA (1)

Senhores:

O orador eloquentissimo que abriu este sarau, commovendo-nos e consolando-nos com a sua palavra quente, vibrante, admiravel, deixou-me a mim o encargo de exprimir e consagrar tudo o que ha bom, elevado, na festa d'esta noite. E' desnecessario, porque isso está feito; seria impossivel, se houvesse eu de fazel-o. Em rapidos minutos disse tudo a grande voz, a querida voz de Pinheiro Chagas, resuscitado para a tribuna portugueza, já inconsolavelmente saudosa do explendor que só elle sabe dar-lhe; e eu... venho apenas para cumprir, de boa vontade, mas na mais modesta attitude, um facil dever que me foi amavelmente lembrado pela digna commissão da imprensa de Lisboa.

Não farei uma conferencia erudita. Seria impropria, e talvez parecesse... abuso de confiança. Tambem não recitarei um discurso, em fórma; este genero de eloquencia, quando se não emprega para vencer uma difficuldade real, positiva, no coração ou na consciencia de quem ouve, é uma simulação de arte, uma coisa postiça, sem perigo e sem interesse. Ora nós estamos de accordo em tudo, ou em quasi tudo.

Senti, como toda a gente, as desgraças do Porto, e pensei um pouco nas miserias humanas, e sobre alguns meios de as prevenir e remediar. E' o que venho dizer, simplesmente, sem emphase, sem apparato, procurando apenas a indispensavel correcção litteraria para que o desalinho da phrase não pareça menos respeito pela gentil e nobre assembleia a que tenho a honra de dirigir-me.

Meus senhores:

O ultimo quartel d'este seculo é notavelmente triste. Como nos derradeiros periodos da civilisação hellenica e da historia romana, em alguns seculos da Edade-Media, e ainda em epocas seguintes, o *pessimismo* da vida invadiu a consciencia culta, e quasi tomou posse d'ella.

Se fosse apenas um vago sentimento de mal-estar, sem formulas determinadas, não valeria muito a pena discutil-o; mas é já effeito de uma doutrina estabelecida e propagada, com mestres e apostolos, que a si propria se condecora com a denominação de philosophia, embora não passe nunca, n'um alto juizo das coisas, d'uma litteratura mediocre, sem grandeza apreciavel e sem ideal que a recommende!

A dôr, o mal, o valor da vida—são mais uma vez questões de irrecusavel actualidade; para as versar é opportuno o momento, porque estamos ainda todos sob a impressão de uma d'estas enormes calamidades, que, ao mesmo tempo e contradictoriamente, rasgam as fontes da humana piedade e fazem a anarchia do entendimento moral!

A dôr é a mais fecunda inspiração psychologica. Como é preciso que o ether vibre para que appareça a luz, assim é necessario que a sensibilidade se commova para que o espirito entenda as coisas com clareza e a vontade proceda bem... Sob a fórma da necessidade material, a dôr creou a industria; nos transes e provações do combate interior, edificou a moral; no martyrio das revoluções, organisou a politica; e até pelos cruentos processos da guerra tem assegurado muitas vezes o equilibrio dos povos, o direito das raças e a civilisação do mundo! Desde o genio, que é uma *nevrose* do cerebro, até á caridade, que é um aperto do coração,—quasi tudo, que é bom e util, promana d'ahi...

Repete-se a todo o momento que a dôr é a maior realidade da vida. Sim, mas com uma correcção indispensavel:

E' a maior, porque é a mais consciente.

E'-se feliz sem dar por isso; não se é nunca desgraçado sem o sentimento de o ser!

Não teem razão as escolas, que são pessimistas por systema. Um phenomeno da vida não é toda vida. Um gemido do coração não é toda a arte. A miseria suppõe a felicidade, como a sombra suppõe a luz; e seria insensato dizer-se que a miseria é uma realidade do mundo, e que a felicidade é uma pura ideia, innata ou adquirida, mas sem objecto. Porque um poeta da Italia, descoroçoado e doente, mais funebre no seculo XIX de que foi Dante na Edade-Media, e porque alguns philosophos da Allemanha, incapazes da maior herança de pensamento, que ainda se addiu n'uma raça, lançaram aos quatro ventos o infando pregão do infortunio humano, não vamos nós n'essa corrente sombria, que se sumirá brevemente na historia, sem ter fecundado, para grandes coisas, a geração que atravessou!

Contemplemos a vida de mais alto, e vejamos, meus senhores, que vale a pena viver.

A natureza é impassivel, mas é admiravelmente bella. A humanidade é soffredora e boa. A historia, estudada com amor, é um thesouro de tudo. A arte, pondo em relevo exterior os ideaes da nossa especie, educa-nos, consola muito mal, faz-nos aspirar e ascender sempre ao melhor, ao que é mais perfeito... São grandes virtudes, e não raras no mundo, a sympathia, a admiração, a fé, a lealdade, o enthusiasmo, o heroismo, a abnegação e o sacrificio. As creanças hão-de ser sempre adoraveis mysterios de innocencia e de graça; a velhice nunca deixará de ser a mais augusta e veneravel fórma do poder, da experiencia e da auctoridade moral. Ha tristeza nos homens e melancolia nas coisas; mas ha poetas que recolhem isso piedosamente, em amphoras que só elles teem, e fabricam depois preciosas obras de arte, talvez as melhores... Ha dores, fome, conflictos sangrentos, tragedias formidaveis, palavras que mentem, caracteres que atraiçoam, esperanças que se mallogram, promessas que se não cumprem, e, por fim, em negro remate, a morte... mas parallelamente a estas miserias, quantos divinos esforços tentados para as combater ou diminuir, desde a epoca das cavernas até á cidade de hoje, desde o machado de pedra até á machina a vapor, desde a *tatuagem* até á imprensa e desde a imprensa até á electricidade, desde as pinturas muraes dos Egypcios e dos Assyrios até aos museus de Madrid, do Louvre e do Vaticano, desde o despotismo oriental até á liberdade latina, desde a antiga terra, povoada de deuses, até ao moderno ceu, despovoado de terrores?!

Vale a pena viver, vale. E, para conservar o goso da vida, não estanquemos as fontes da vida por uma analyse desvairada, morbidamente prescrutadora. Era já este o conselho de Lucrecio, o grande poeta romano que tantas coisas sabia...

Não me assusta o receio de que fiquem, não passem, estas impressões doentias de uma pequena sciencia e de uma estreita litteratura, que aliás não lograram ainda penetrar a alma sã, honesta, inculta mas equilibrada, da grande multidão.

Se ha alguma coisa contraria e opposta ao nosso genio, isto é, á nossa ethnologia e á nossa historia, é isso. Nós temos feito tão grandes coisas! E' tamanho o nosso poder de invenção e de renovação!

Realisamos a maior e mais extensa civilisação que ainda houve; assimilamos, reduzindo-o ás suas justas proporções, todo o admiravel sentimento que encheu a inspirada alma semita; entendemos e apropriamos, na medida do que era possivel, o espirito da Grecia, feito de belleza, de harmonia e de razão; ainda conseguimos aperfeiçoar algumas instituições romanas, que pareciam imperfectiveis por serem correctissimas, saimos da theocracia e do feudalismo medieval melhores do que eramos antes; fomos os authores d'aquella alegre illuminação, deslumbrante e graciosissima, feita de alvoradas de intelligencia e de sorrisos do coração a que se chama a Renascença; fundimos as tyranias do poder politico na fragua ardente, na braza viva de uma revolução, que se diz franceza, que foi humana... Tendo feito tudo isto, tendo sido capazes de tudo isto, nós poderemos sentir desfallecimentos transitorios, poderemos, n'uma hora, hesitar o caminho que nos convem eleger, poderemos succumbir hoje para nos levantarmos ámanhã,—mas, só por um desvario de pouco tempo, por uma enfermidade de humor perfeitamente curavel, é que adoptaremos, como nosso, por mais que nol-o preguem e recommendem, o ideal mystico d'essa velha India, em que a natureza é cruel e sanguinaria, em que destillam e innoculam venenos de morte as plantas e os animaes, em que a imaginação, apavorada e escandecida, retrata, amplifica e move monstros e phantasmas, em que a historia é um nevoeiro de lendas, em que o theatro e a poesia se reduzem á rotação interminavel de uma tragedia sem pés e de um lyrismo sem azas, em que a perfeição moral, emfim, leva os ascetas e os penitentes á lenta anniquilação fatal do entedimento e da energia propria, n'aquellas vastas florestas. silenciosas, cheias de mysterio, em que se celebra e consumma a todo o momento, o eterno drama, universal e terrivel, do ser e do não ser!

Não teem razão, não teem a verdade que se attribuem, escolas tão deprimentes do nosso caracter activo. Mas não direi que ellas são inuteis em todo o sentido, e que hão de extinguir-se sem terem deixado na consciencia a germinação d'alguma cousa proveitosa.

Não se perde um atomo de materia na natureza; tambem não se perde, no espirito, um atomo de intelligencia Cada escola estuda particularmente um facto, ou apura mais um processo conhecido; esse facto e esse processo vão sempre, no periodo seguinte, servir um fim mais complexo, mais comprehensivel dos interesses humanos, e, por isso, mais verdadeiro. E eu antevejo já proximo o advento de novas theorias, que exemplificarão, talvez a inda no nosso tempo, este principio de critica geral.

Não voltará a philosophia ao optimismo de Leibnitz e de Malebranche, e a arte não tornará a ser innocente e bocolica como nos dias de Wateau, de Florlan, e da nossa boa Arcadia; mas as miserias sociaes desnudadas, desfibradas, sondadas implacavelmente, determinarão, de certo, uma bella reacção de sympathia e de bondade, e os sentimentos que teem sido a honra e o orgulo do coração humano, calumniados hoje por uma litteratura inferior, refulgirão ainda em obras immortaes de inspiração e de intenção moral!

Haverá sempre temperamentos alegres, abertos á comica hilaridade do mundo; e a tristeza das cousas e a melancholia dos genios continuarão a exhalar a dôr, ora material, ora sublime, da nossa vida, que é feita assim... Desde Aristophanes até Voltaire, não esquecendo Rabellais, desde Lucrecio até Schopenhauer, passando por Pascal; desde Ovidio até Leopardi, tocando forçosamente em La Rochefaucould; —ha de tudo isso, em quantidade immensuravel...

Só em tudo está tudo. O que foi será mtlhorado sempre. E' esta a unica formula em que cabem, sem se contradizerem, a identidade fundamental e a indefenida *progressividade* da nova especie!

Tem-se discutido tanto, meus senhores, sobre a origem e a natureza do *mal!*

A bibliographia d'esta idéa é enorme. São incontaveis por numeros os mythos e os systemas que teem procurado explanal a, tendo positivamente, conseguido obscurecel-a.

E' bem certo que as cousas mais questionadas no mundo são sempre as mais simples!

O *mal* não existe. Quero dizer que não existe *em si*, na naturesa ou na consciencia, como uma realidade substancial. E' apenas uma relação de contrariedade da vontade com as cousas.

Isto tem um remoto sabor metaphisico, mas não é metaphisico. Asseguro que não é...

A doença e a morte avultam entre as peores condições da vida. E, comtudo, a morte, no martyrio voluntario, é uma illuminação gloriosa; e a doença mais pertinaz, mais tormentosa, mais miseravel, considera-a a sanctidade de milhões de crentes como uma provação gratissima e feliz... A exaltação do heroismo militar não tem feito ir pelos ares, n'um suicidio épico, navios e cidadellas?!

Por outro lado, é a vontade dos homens que tem feito maior mal no mundo. A paixão do odio humano excedeu sempre a braveza das feras mais temiveis. O egoismo social tem sido, e é ainda, em muitas coisas, tão implacavel, tão impiedoso como as ondas brutas do mar no naufragio e as labaredas do fogo no incendio... Mais existencias tem desvastado a guerra do que todas as epidemias juntas, sommadas, incluindo as do Oriente e as da Edade media. E não ha no coração humano sentimento bom, terno, adoravel, desde o amor, que é a flor e o perfume de vida, até ao culto de Deus, que é o remate da perfeição intellectual, que não tenha uma longa e triste historia de crimes...

O que faz a violencia da impressão nas desgraças humanas é a contradicção d'ellas com o que se *entende* é com o que se *quer*, geralmente: E isto dá a razão do diversissimo effeito que produzem em nós os cataclismos da natureza e as hecatombes da religião e da politica, os infortunios que revestem uma fórma dramatica e aquelles que se arrastam, na sombria evolução da sua dôr, sem estertor que se ouça e sem agonia visivel!

A enorme catastrophe do Porto exemplifica bem isto. Teve todo o horrivel apparato de uma tragedia, sem lhe faltar, para a tornar mais agudamente dolorosa, e contraste da hora e do logar em que se consumou! Por isso todas as fontes da piedade se abriram logo, como nunca, e foi um bello provimento de de bondade e de sympathia o que se seguiu depois...

Em mim, no meu coração, aquellas circcumstancias avivaram consideravelmente a dôr e a condolencia, grandes em todo o caso...

Gosto de ver o povo nas festas, nos divertimentos publicos, Precisa d'isso. A vida só é acceitavel com todas as coisas boas que ella tem. O trabalho violento, as privações de todos os dias, a miseria do desamparo, a comparação com outros destinos, que são ou parecem melhores, o assombro de tantas cousas inexplicaveis no mundo e na consciencia, a impossibilidade de contemplar a vida no conjuncto dos seus aspectos, e do repousar assim a intelligencia em alguma verdade geral,—tudo isto, se não houvera compensações, tornaria verdadeiramente insupportavel a existencia de numerosas classes, a que o morgadio social instituido em favor de outras (bem, segundo uns, mal, segundo outros; mas a questão não é para aqui...) deixa apenas o uso-fructo gratuito do sol, do ar, e de poucas cousas mais!

O povo diverte-se pouco. E' um symptoma grave; mais grave do que parece.

Se eu governasse, havia de proteger, de preferencia a outras industrias, a que tivesse por fim recrear, alegrar, cousular e divertir o povo... Isto não é, meus senhores, um programma politico, mettido aqui subrepticiamente... Para evitar equivocos, apresso-me a declarar que, mesmo para realisar este grande ideal de administração, eu seria incapaz de semelhante perfidia...

O theatro moderno é monotono e triste. As combinações scenicas dos conflictos moraes, que produzem o drama, e dos equivocos e defeitos humanos, que fazem a comedia, estão quasi esgotadas. Por outro lado, como entretenimento e processo de educação, carece de magestade, da grande luz, do espaço amplo, em que a alma popular esteja á vontade, na alegria ou na dôr.

Como é diverso tudo isto, que nós temos, das palestras, lyceus e academias, jogos solemnes e festas publicas, em que o povo grego, o mais bello da antiquidade, se educou para ser, conjunctamente, o mais alegre, o mais feliz! Aquellas procissões, civicas e religiosas ao mesmo tempo, em que se exhibiam a farça e a plastica de mancebos formosissimos como estatuas de deuzes, a graça, o encanto de grupos de virgens engrinaldadas de flores e coroadas de innocencia, e a serena magestade dos anciãos, vestidos de branco, de bella cabeça ao ar, levando, como unico ornamento, ramos verdes nas mãos,—esmaltarão perpetuamente, na memoria humana a mais bella lenda paradisiaca de vigor, de harmonia, de delicada veluptuosidade, de saude phisica e moral.

A vida romana foi toda exterior e máscula, na guerra, no *forum*, no amphiteatro. Eram cruentissimas as luctas do circo, é certo; mal se póde figurar hoje, diante de nós, o horror de aquelles combates de homens com feras, que os annaes de Roma descrevem como a coisa mais natural, mais simples, mais factivel... Mas o criterio da historia, para ser justo, tem de fazer-se contemporaneo dos factos que aprecia; e, por outro lado, sabe-se que, a par d'estes espectaculos ferocissimos em que pantheras e leões, açulados pela fome ou mordidos por ferros em braza, dilaceravam e devoravam a carne palpitante das victimas miserandas — havia innumeras festas publicas, consagradas a todas as tradições nacionaes e a todos os acontecimentos importantes da agricultura, da industria, da familia, do Estado, que faziam da vida romana, a mais completa ostentação grandiosa e decorativa de energia, de sentimento, de gloria, de enthusiasmo viril e de intensidade politica!

A antiguidade foi alegre, foi. Deixou de o ser quando inundaram a consciencia duas torrentes caudaes de melancholia. precipitadas, com pequena intermissão de tempo, uma das bandas do Oriente e a outra dos lados do Norte....

Mas, na propria Edade-Media, o povo teve o seu theatro e os seus dramas. E que incomparavel theatro! Era nas cathedraes, em que a architectura gothica realizara o pensamento, a intensa poesia, a significação moral, augustiosa e infinita, da maior fé religiosa que ainda houve no mundo; era nas vastas egrejas que se representavam quasi sempre, sob uma commoção de que já não póde fazer-se idéa, os *Mysterios*, que foram a consolação e o tormento, o prazer e o martyrio da sensibilidade christã d'aquelles seculos! Algumas vezes, a representação era ao ar livre, em amphitheatros de pedra, em largos descampados ou á beira do mar. Imagine se o profundo e inenarravel effeito d'aquellas tragedias, que reviviam a catastrophe do paraiso e a longa e accidentada paixão de Christo e nas quaes a raça celtica, mais ou menos propagada por todo o Occidente, imprira a sua inspiração propria, requintadamente espiritual, infatigavelmente melancholica, voluptuosamente doentia!

Um proverbio bretão, citado por Littré, diz que as multidões accorriam, para os *Mysterios, cantando*, e que voltavam de lá, transfiguradas, *chorando*... E' bem facil de acreditar.

Depois, grandes progressos tem feito, em tudo, a sociedade. Sabe-se isso. Mas a participação do povo nas festas publicas tem diminuido sempre cada vez mais. E' pena; até porque ao contrario d'aquelle conhecido verso de Victor Hugo: *Um povo que folga, não é nunca um povo perigoso.*

Era de presumir que, fallando da necessidade de combater o mal nas suas fontes originarias, fizesse aqui o elogio da instrucção popular, da educação publica, da previdencia economica, do principio associativo, e reeditasse mais uma vez a velha pompa dos programmas com que o nosso tempo se aturde e engana a si mesmo... Não farei isso. Serão idéas excellentes. Não nego. Mas a maior parte d'ellas, na fórma por que é uso pratical-as, está reduzida a chimeras dignas de epitaphio, e não merecedoras, para mim, de uma *oração funebre!*

Emquanto os ideologos de boa fé e os politicos se entreteem n'isto, que, felizmente, é apenas inutil, a fome, a doença, o frio, a miseria negra, o tedio e o desespero, vão sacrificando milhares de creaturas, que melhor fôra não terem visto a luz; e, de quando em quando, uma innundação do inverno, um tremor de terra, um incendio, veem quebrar a monotonia do sentimento habitual, quasi indifferente, com que muitos de nós contemplamos os que, no amphitheatro da vida, occupam sempre, pobremente, os logares da sombra!

N'estes casos não fica o mal sem remedio. E ainda bem. E' a nossa alma constituida de maneira que se desata em primores de misericordia, logo que a impressão das desgraças alheias venha inesperada e violenta. E o movimento de effusiva caridade com que o paiz todo acudiu, e acode ainda, ás viuvas e aos orphãos, postos em evidencia, no Porto, á medonha luz de uma fogueira infernal,—elogiará perpetuamente a bondade nativa, o altruismo espontaneo, a piedosa sollicitude sympathica, com que sabemos redimir, quando soa a hora propria, os defeitos que não podemos deixar de ter segundo a nossa raça, a nossa historia e o nosso tempo...

A parte do meu coração que sente a consolação e o enthusiasmo das cousas, não é a primeira, a que está á superficie... Mas fez-me bem, edificou-me o que vi!

As outras miserias, as que se amontoam nos vales sombrios da sociedade humana, a que se não desce sem verter aquellas *lagrimas de susto e espanto* de que falla Dante no canto II do seu poema, não são esquecidas pela piedade individual, não; e muito se faz, desveladamente, para as diminuir de algum modo. Mas se os grandes infortunios intermittentes, de fórma dramatica, podem, sem receio, ficar entregues á commoção do momento e á iniciativa particular,—os outros reclamam uma acção complicada, regular, mediante estudos e planos, com attenção ao presente a ao futuro, na fórma positiva de um grande dever social!

E' a assistencia pelo Estado.

Entre nós é quasi nulla; lá fóra, pouco melhor.

O Estado não é *estado* de direito apenas; é *estado* de direito e de moral, é *estado* de civilisação. Não vê bem quem não vê isto.

Ha na nossa organisação, individual ou collectivamente considerada, uma grande parte sobre que não póde recair a censura ou a protecção do Estado: é a que dá para o infinito espaço, onde a liberdade interior desenha e fixa a fórma do seu Deus, o ideal da sua arte, a intenção da sua philosophia, a inspiração essencial, positiva ou mystica, do pensamento e da vida toda... N'esse infinito espaço, em que o trabalho de cada dia,—trabalho, que é tantas vezes simples parcella da illusão d'um seculo!—tece e destece, descompõe e renova os maravilhosos poemas da phantasia e da consciencia, o Estado não toca, não intervem, nada tem que fazer. Mas ha outra parte de nós que lhe pertence para a dirigir, para a proteger, para a melhorar; e a *assistencia publica* é um dos processos que realizam este fim.

Ha quem a negue.

Não ha na minha phantasia uma imagem nem no meu diccionario uma phrase, em que possa caber toda a contrariedade intellectual que me causa a theoria dos que contestam ao Estado o direito e o dever de *assistir* aos desgraçados! Conheço-os, desde os que legislaram em Sparta até aos que discreteiam em Londres; mas, n'esta festa de caridade, não lhes farei a honra de lhes citar os nomes...

Meus senhores:

Um grande moralista romano, que o acaso do tempo fez contemporaneo de Nero, escreveu um tratado admiravel sobre a beneficencia publica e particular. Conhecedor profundo da natureza humana, recommendou, sobre tudo, que o beneficio prevenisse e evitasse, nos que houvessem de recebel-o a miseria da ingratidão e as revoltas do amor proprio.

Sempre que isto se faz,—e faz-se, felizmente, muitas vezes,—a caridade é uma grande virtude, nos que a exercitam, uma completa felicidade para os que a recebem, uma luminosa inundação moral de graça e de bondade em todos. E n'estes casos a caridade, excedendo a historia, determina a formação das lendas...

Começa agora uma lenda sympathica, adoravel; rescende o casto perfume antigo de outra, de que rezam velhas chronicas portuguezas...

Tudo isto é natural. O nosso orgulho gostou sempre de vêr aos deuses semblante humano; não pode o nosso coração ficar indifferente se a maior das suas qualidades encontrou, para a exprimir e representar, uma fórma superiormente perfeita, *soberanamente* graciosa...

E, meus senhores, sob esta ultima impressão, deixem-me repetir ainda que a *dôr* é suggestiva de grandes cousas, que o *mal* póde ser vencido muitas vezes, e que a vida está longe de ser, inteiramente, como pensam alguns sahios da Allemanha e alguns artistas francezes,—mas para exportarem as suas idéas do que para as praticarem em si proprios—o pó desfeito d'essa terra de inllusão, a vã espuma de um immenso mar de chimeras...

(1) Sua Magestade a Rainha.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 16 de abril

Presidencia do sr. Barros e Sá; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde. Presentes 25 dignos pares.

Acta approvada.

O sr. Carlos Testa pediu que a commissão respectiva désse o seu parecer sobre o projecto que elle apresentára pedindo a abolição das touradas. Leu duas cartas do Porto annunciando a construcção de uma praça de touros na Serra do Pilar e estranhando que essa construcção se fizesse em terreno pertencente ao ministerio da guerra.

O sr. ministro das obras publicas disse que o assumpto do projecto do sr. Testa não era politico, que pessoalmente era da opinião do mesmo sr.

O sr. marquez de Vallada interrogou o sr. ministro das obras publicas sobre a questão do prolongamento do caminho de ferro do Minho até Traz-os-Montes.

O sr. ministro das obras publicas respondeu que apresentaria ainda na actual sessão legislativa o projecto sobre essa linha, mas que esse projecto seria elaborado por fórma a ser cumprida a sua promessa de que Braga não seria sacrificada a Guimarães nem Guimarães a Braga. Disse que vinculava este projecto á sua existencia ministerial.

O sr. Osorio Cabral apresentou um projecto de lei destinando o convento de Santa Clara de Coimbra para um recolhimento de senhoras honestas.

ORDEM DO DIA

Continuação da discussão sobre a interpellação ácerca da concessão do caminho de ferro do Algarve.

O sr. ministro das obras publicas concluiu o seu discurso em defeza da concessão d'aquelle caminho de ferro. Incidentalmente, o orador disse que resolveria a questão dos alcools, consistindo o problema em baratear e purificar as aguardentes.

O sr. visconde de Bivar principiou a fallar contra a concessão. Como désse a hora, ficou com a palavra reservada.

—

Sessão de 17 de abril

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde. Presentes 29 dignos pares.

Acta approvada.

O sr. Cabral de Castro pediu a publicação da representação da faculdade de theologia, relativa ao conflicto com o bispo de Coimbra.

O sr. presidente do conselho disse que julgava não haver inconveniente na publicação d'esse documento, accrescentando que o governo resolveria da melhor fórma a referida questão.

ORDEM DO DIA

Continuação da discussão sobre a interpellação ácerca da concessão do caminho de ferro do Algarve.

O sr. visconde de Bivar condemnou a concessão como prejudicial aos interesses do Estado, pois diminue o valor do caminho de ferro do sul.

Accusou o governo de haver violado a lei da contabilidade pelo facto de não ter aberto concurso para a concessão do caminho de ferro do Algarve.

Respondeu-lhe o sr. Pinheiro Borges, que notou diversas contradicções na opinião do sr. visconde de Bivar com respeito á concessão. (Este facto motivou troca de explicações entre os dois oradores.)

O sr. Hintze Ribeiro atacou a concessão pelas mesmas razões que o sr. presidente do conselho havia condemnado em 1876 a concessão do ramal de Cacilhas. Emprazou o mesmo sr. presidente a dizer-lhe se concordava com a concessão feita pelo sr. ministro das obras publicas.

O orador, como désse a hora, ficou com a palavra reservada.

—

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 16 de abril

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 82 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. João Arroio pediu ao governo que mandasse activar a remoção de entulhos das ruinas do theatro Baquet, o qual está, segundo julga, prejudicando a salubridade publica. Tambem perguntou se o orçamento seria discutido este anno.

O sr. ministro da fazenda disse que providenciaria com respeito ás ruinas do Baquet, e que o respectivo parecer sobre o orçamento seria apresentado brevemente.

O sr. Avellar Machado pediu a publicação do relatorio dos peritos que syndicaram ácerca da ponte Constança sobre o Tejo.

O sr. Vicente Monteiro pediu que entrasse em discussão o parecer sobre as emendas do projecto dos tabacos.

A camara approvou, dispensando o regimento.

O sr. D. José de Saldanha censurou o governo por não acceitar algumas emendas.

O sr. Vicente Monteiro deu explicações a este respeito.

O sr. Hintze Ribeiro atacou o governo por não acceitar as emendas sobre a cultura do tabaco na ilha de S. Miguel.

O sr. Jacintho Candido principiou a fallar, mas tendo dado a hora, pediu para ficar com a palavra reservada.

—

Sessão de 17 de abril

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas e meia da tarde.

Presentes 72 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. Mendes da Silva apresentou uma representação da Associação Industrial Portugueza pedindo a approvação do projecto de lei do sr. Oliveira Martins sobre os fornecimentos ao Estado.

ORDEM DO DIA

Discussão do parecer sobre as emendas ao projecto dos tabacos

Trocaram breves explicações sobre as emendas os sr. Vicente Monteiro, Jacintho Candido, José Azevedo Castello Branco, presidente do conselho, Abreu Castello Branco e Hintze Ribeiro, sendo afinal approvado o parecer.

O sr. Serpa Pinto chamou a attenção do governo para e viagem do explorador Stanley, dizendo que se trata de pôr nas mãos do Estado livre do Congo a região de Lagos. Disse tambem parecer-lhe que se trata de nos tirar o Zambeze.

O sr. ministro da marinha declarou que tinha reservas sobre o motivo da viagem de Stanley, e disse que entendia dever occultar á camara o pensamento do governo sobre este assunto.

Entrou em seguida em discussão o projecto de lei auctorisando o governo a pagar a garantia de 50:000 libras para as obras do caminho de ferro do Mormugão.

O sr. Augusto Montenegro fez algumas considerações sobre o projecto. Seguiu-se o sr. Augusto Fuschini que combateu o projecto pedindo á camara que não o approvasse.

Respondeu-lhe o sr. ministro da marinha combatendo-lhes os argumentos.

—

Sessão de 18 de abril

Presidencia do sr. Rodrigues de Carvalho; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 71 srs. deputados.

O sr. Teixeira de Vasconcellos referiu-se ao tratado de commercio entre Portugal e Hespanha, perguntando em que estado se achavam as negociações.

Respondeu-lhe o sr. ministro da marinha, declarando que as negociações estão ainda em principio.

O sr. Serpa Pinto fez algumas considerações sobre a morosidade com que está sendo resolvida a questão de Zanzibar.

O sr. João Arroio pediu novamente que o governo empregasse os meios necessarios para que se fizesse pronta

mente a remossão dos estulhos do Baquet.

O mesmo sr. estranhou a maneira vagarosa como está sendo instaurado o processo Hersent.

O sr. ministro da marinha respondeu-lhe que o governo não tinha culpa.

ORDEM DO DIA

Discussão do projecto de lei sobre o caminho de ferro de Mormugão

O sr. Julio Marques de Vilhena sustentou que as exigencias da Companhia concessionaria não estão nos termos do contracto, e combateu alguns dos pontos do projecto.

O sr. ministro da marinha defendeu o projecto, sustentando que elle é vantajoso para o Estado.

Fallou depois o sr. João Arroio, que fez breves considerações contra o projecto, até dar a hora, declarando ao terminar que não queria ficar com a palavra reservada, pelo facto de ter de partir para o Porto.

SECÇÃO LITTERARIA

ANGOLA E CONGO

A FAMILIA

A familia do negro Congo está organisada segundo o regimen da polygamia. Cada cidadão possue tantas mulheres, quantas pode alcançar, havendo comtudo entre ellas uma chamada *lemba* que é a primeira, e exerce uma certa auctoridade sobre todas as outras, usando para esse fim uma vara curta com que tem o direito de as castigar—é a regente do collegio.

As mulheres são adquiridas pelo marido por meio de *empção*; resolvendo-se o contracto, entre o marido e a familia da mulher, quando ella recebe os ultimos ajustes do preço. Depois de ter entrado para o poder do marido, a mulher fica sendo propriedade sua; póde bater-lhe, até a matar; póde vendel-a, em determinadas circumstancias e póde até alugal-a, ou emprestal-a, segundo o seu livre arbitrio. A mulher pelo contrario, deve ao marido inteira obediencia; e tem de lhe cultivar a terra, colher os fructos e preparar a comida, tratando além d'isso dos filhos não podendo dispôr do seu corpo, sem commetter o crime de adulterio.

Este crime, sendo commettido por princeza contra o principe, tem pena de morte por meio de cremação para a adultera e seu cumplice; e sendo commettido contra qualquer homem do povo, é equiparado a um simples furto, que obriga o seu auctor, o adultero, a pagar ao queixoso uma indemnisação conveniente.

O crime, e a indemnisação respectiva chama-se *upanda*. Ainda ha pouco uma das mulheres do principe Mamputo commetteu o crime de adulterio, com um dos subditos do principe; e, quando se reconheceu no estado interessante, julgou-se perdida, por isso que o principe está muito velho e paralytico, já ha uns poucos de annos; resolveu por isso fugir e ir *vestir-se* (offerecer-se para escrava) com o principe do Cacongo, desapparecendo tambem por essa occasião o subdito seu cumplice. O caso produziu uma certa estranheza e desconfiança mesmo, em virtude da qual o principe Mamputo mandou procurar a princeza fugitiva; e logo que soube que ella estava em poder do principe do Cacongo, e se certificou de que tinha havido adulterio, ordenou á familia da princeza que fosse resgatal-a para vir ser queimada, tendo de dar em seu logar uma irmã para soffrer a pena, quando não podessem conseguir o resgate.

A familia foi, e conseguiu havel-a ás mãos por alto preço, e apresental-a ao seu verdugo, que esperava poder marcar o dia para a execução, quando o administrador do concelho de Banana teve conhecimento do facto e interveio, mais como particular, do que usando da auctoridade, conseguindo afinal salvar a victima d'aquella morte affrontosa. Ainda que o administrador do concelho de Banana não tivesse prestado senão este serviço á causa da humanidade, durante o seu curto exercicio de auctoridade portugueza n'aquelle ponto, tem Portugal motivo de se honrar por mais este facto, no momento solemne em que, obedecendo aos dictames da conferencia de Berlim entregar á Associação Internacional Africana o territorio do Zaire onde ella lhe succedeu.

O simples crime de *upanda* faz pois tanta differença do adulterio commettido contra um principe, quanto vae d'uma pequena multa a esta horrivel pena capital. Mas succede ainda, que os maridos estimam tanto mais as mulheres, quantas mais vezes ellas commetterem o crime de adulterio; e chegam até a desprezar a esposa que não consegue seduzir um adultero—pela simples razão do marido encontrar n'aquelle facto uma grande e commoda fonte de receita.

O marido não é só proprietario das mulheres: tambem o é dos filhos, tendo comtudo preferencia a elle, n'este ultimo direito de propriedade, o tio irmão da mãe d'esses filhos, o qual é para com os sobrinhos o chefe da familia, sendo estes para com elle, reciprocamente, os herdeiros e representantes. O pae, portanto, só será senhor dos filhos, para os effeitos de poder dispôr d'elles, quando lhes faltar o tio, irmão da mãe.

A mulher antes de casar segue o regimen da polyandria; e só entra para este regimen depois d'uma iniciação que tem logar na chamada *casa da tinta*.

A casa da tinta é construida como as outras, com paredes de *loando* (uma especie de esteira grossa) e tectos de palha de palmeira, tendo dentro tres camas, das quaes a do meio é para a inicianda e as duas dos lados para as mestras. A virgem só entra na *casa da tinta*, quando mostra os primeiros signaes de adolescencia, tendo a familia ou ella mesma, escolhido previamente o homem, que vá colher as primicias da sua virgindade. Feita esta escolha, e ultimada a negociação com os presentes finaes, é a virgem entregue ás mestras na casa da tinta e estas ensinam-lhes tudo quanto convenha saber para deixar de ser virgem, para bem se comportar no exercicio da polyandria e mesmo depois durante o casamento polygamico.

Esta aprendizagem dura de quatro a vinte dias, findos os quaes a virgem vae ser solemnemente entregue pela familia ao varão escolhido, levando-lhe elle n'essa occasião um presente.

Se a moça é tão pobre e miseravel, que não conseguiu escolher e alcançar esse varão; os parentes levam-n'a, depois de sair da casa da tinta, em procissão solemne pelos povos visinhos, á procura do homem que lhe proporcione a mudança de estado—fazem lembrar os paes pobres das creancinhas por baptisar que, não tendo conseguido compadres para padrinhos, recorrem aos santos. Desde esse momento a virgem fica sendo *dumba*, e inteiramente senhora de si para poder entregar-se temporariamente a quem melhor lhe parecer; bem como fica tambem obrigada a obedecer, quando pela familia fôr entregue temporariamente, ainda que seja contra sua vontade.

E' d'estas mulheres que são recrutadas as esposas; e pódem ellas ter a certeza de serem tanto mais depressa procuradas para esse fim, quanto mais cedo conseguirem dar provas de fecundidade. O filho, assim gerado, vae ser propriedade do marido, se porventura a mulher não tem irmãos masculinos.

A mulher casada, emquanto amamenta o filho vive separada do marido, e entrega-se aos cuidados da maternidade, trazendo a creança sempre sobre si, e em geral ás costas, escanchada sobre as nadegas e segura por uma tanga, que vem prender-se-lhe ao seio.

O homem antes de casar, deve ter praticado a circumcisão; porque o incircumciso é rejeitado para esposo.

A circumcisão, por si só, não é sufficiente para demonstrar relações com as religiões semitas do norte da Africa; mas este facto, junto á abstinencia da carne de porco e ainda a outros que opportunamente vão apontados, permitte a suspeita da influencia d'essas religiões sobre este povo, exercendo-se por expansão de perto para perto, principalmente se attendermos a que, com todas as probabilidades, os povos congos na sua migração vieram de nordeste para sudoeste.

Este assumpto escandalisa a nossa civilisação e bons costumes; mas é absolutamente preciso conhecel-o para bem se legislar para aquelles povos, e realisar a tarefa, difficil, que nos propômos, de os civilisar. Se o seu conhecimento tivesse chegado ás altas regiões legislativas; não veriamos hoje em vigor nos territorios effectivamente occupados da provincia de Angola a parte do nosso codigo civil, que regula esta materia, e não póde ser comprehendida nem obedecida pelos indigenas. O codigo civil é a expressão de uma civilisação, que dista muitos seculos d'aquelle atrazo selvagem.

Demais, a linguagem da sciencia é sempre casta.

A escravidão é entre os negros de ambas as raças, cafre e congo, o complemento da familia.

O chefe ou pae de familia tem para com os seus escravos quasi os mesmos direitos que tem para com os sobrinhos, as mulheres e os filhos. Quando qualquer necessidade obriga um chefe de familia a vender um dos membros d'ella, o vendido será primeiro o escravo, depois o sobrinho, depois a mulher, depois o filho; e por ultimo poderá até alienar a sua propria liberdade, entregando-se como escravo ao senhor, o que na linguagem branca da localidade se chama *vestir-se com o senhor*.

O escravo não está tão absolutamente privado de direitos, que não possa exercer alguns, como por exemdlo, o de mudar de senhor, que geralmente se pratica dirigindo-se o escravo a casa do escolhido senhor e quebrando-lhe um prato, ou outro objecto de pequeno valor.

O principe chama filhos aos subditos; e aqui a palavra filhos deve ter a acepção de escravos, por isso que exerce para com elles, como chefe do estado, o mesmo direito que o pae de familia para com os seus filhos e escravos. Portanto a familia negra parece ter a mesma comprehensão que tinha a palavra *familia* em Roma.

Os pretos compram escravos; mas com intenção de os encorporarem na familia, succedendo rarissimas vezes que os revendam, e dando-se sempre a circumstancia de o fazerem por necessidade urgente, quando assim aconteça.

Vê-se, pois, que o escravo da familia preta tem uma condição social muito diversa da que tinha nos povos neolatinos pelo seu direito, e em Roma segundo as leis romanas do tempo do imperio, que mais ou menos originaram aquelle.

A escravidão entre os indigenas póde ter uma das seguintes origens: o crime do proprio escravo, ou da pessoa que sobre elle exercia direitos de alienação; a guerra; a necessidade da familia, para pagamento de dividas, e a voluntaria alienação da propria liberdade.

O criminoso de feitiçaria é geralmente morto pelos seus; e só será vendido, quando o comprador der garantias de o levar para muito longe, de onde elle jámais possa voltar. O outro criminoso, ou o que em seu lugar foi vendido, fica em geral em poder do proprio offendido, ou da sua familia; mas tambem póde ser vendido para mais ou menos longe. O prisioneiro de guerra será morto, vendido para longe, resgatado pelos seus, ou então ficará escravo em poder do vencedor—mas esta hypothese raras vezes se realisará.

Sempre que o escravo fique dentro do seu povo, a sua sorte não tem mudança sensivel: póde apenas considerar-se um membro da familia que mudou de patrio poder. Além d'isso, o escravo será tanto melhor tratado no seio da familia a que pertencer, quanto mais tempo de permanencia tiver ali, chegando mesmo a sua ligação artificial com o chefe da familia a ponto de se confundir com as ligações naturaes, e vindo os seus filhos a perder, muitas vezes, a qualidade de escravos, que em rigor deveriam ter herdado.

F. A. Pinto.

A VIAGEM DO PEQUENO GAB

(De André Theuriet)

Das minhas janellas, o olhar mergulhava atravez o pateo, sobre o interior da sobreloja habitada pela familia do pequeno Gabriel, que em casa se chamava familiarmente o pequeno Gab. O pae talhava obra n'um armazem de fato feito; a mãe, enfrequecida por cinco partos successivos e já cheia de cans aos quarenta e cinco annos, occupava-se da labutação domestica e na faina consumia os restos da saude. De cinco filhos, os tres mais velhos tinham cortiço lá fóra: em casa só estava a irmã, rapariga de 18 annos, que era costureira, e o pequeno Gab, que era corcunda.

Fructo tardio e mal abandonado d'um d'esses casamentos parisiences entre gente que passou metade da vida em officinas sem hygiene, ou em estabelecimentos sem luz e mal arejados, o pequeno Gab era irremediavelmente rachitico. Desviada a espinha dorsal, os hombros subiam-lhe até ao nivel das orelhas, as pernas delgadas e moles vergavam sob o tronco encurvado e de ridiculo equilibrio; não podia andar quando lhe apertavam o apparelho orthopedico. Sobre o busto contornado, bombeado para diante e para traz, erguia-se a cabeça, o craneo demasiadamente desenvolvido, mas com um rosto esquisitamente delicado e expressão singularmente pungente. Embora tivesse oito annos, ao aspecto d'esse pobre corpo derreado e fragil, ninguem lhe daria mais do que cinco, mas calcular-se-ia em vinte, ao ver-se-lhe a physionomia meditativa, a fronte saliente e seus grandes olhos castanho-escuros, tão tristes e precocemente pensativos.

Pae, e mae e irmã mais velha adoravam-n'o por causa das suas maneiras ternas e da sua inteligencia extraordinariamente viva. O medico prohibira que o fizessem trabalhar, mas para o distrair e mudar de meio, levavam-n'o á escola onde se distinara a escutar gravemente, retendo na memoria o que ouvia dizer. Uma tarde, quando os alumnos saiam, vi-o sob o portão da casa, sentado no degrau, encostado á porta do quarto do porteiro. A mãe, tendo ido fazer uma compra qualquer, e não tendo a irmã voltado ainda da engommadeira, encontrára, regressando da escola, fechada a porta da casa, e, encostado á parede, olhos voltados para a rua, esperava tendo estampada no rosto a expressão da reflexão dolorosamente resignada. Emquanto o interrogava, suas negras pupillas lançavam sobre mim longos olhares observadores e espantados. N'este meio tempo, a irmã chegou, pressurosa, offegante.

—Ah! meu pobre Gab, exclamou ella, esperas ha muito?... Impaciente, hein?

—Não, respondeu Gab com voz calma, clara como um timbre argentino, pensava unicamente que já não querias saber mais de mim e que não voltarias... Eu sou tão doente e tão aborrecido!

—Ah! mausinho, murmura a irmã cobrindo-o de beijos. Depois, voltando-se para mim, olhos marejados de lagrimas, ajuntou:

—Elle é pequenino, mas muito intelligente... Raciocina como se fosse pessoa edosa... Que pena ser d'uma saude tão fraquinha! O medico disse que, se elle podesse ir este anno a Berck o ar do mar e os banhos de areia talvez o curassem... Mas, Berck é tão longe e a despeza tão grande para nós! ... Emfim, vou tratar de ganhar para ver se posso leval-o...

*

E a pobre rapariga, corajosa e dedicadamente, trabalhava desde manhã á noite para forragear a somma necessaria. Sentava-se á machina, a coser, a pespontar: talhava, cortava, ajustava, cosia, depois gommava sem descanço. Muito antes de anoitecer, ouvia a convulsão secca e precipitada da machina, egual á zoada nervosa e sacudida que faz a nuvem dos gafanhotos caindo sobre a folhagem nas vinhas; depois, atraz dos cortinados que a luz do candieiro de petroleo tornava transparentes, distinguia o seu perfil laborioso, e pensava involuntariamente nas estrophes da terrivel canção de Thomaz Hood «Coser, coser, coser, até que os olhos se tornem pesados e percam a vista! Debroar, pregar, casear,—até que, sobre os botões, caia de somno,—e que os pregue como n'um sonho!—Coser, coser, coser, na fria luz de dezembro,—coser, coser, coser, quando o sol ri e o céo está azul,—e que nos beiraes dos telhados as andorinhas revoam e os pardaes chalreiam,—como para me mostrar a sua plumagem lavada em luz, e para me fazerem doidas e risonhas negaças com a sua primavera!» No predio, toda a gente conhecia a historia do pequeno Gab, e as mulheres dos inquilinos davam preferencia á irmã, para os seus arranjos domesticos: remendar, engommar, arranjar e pôr os vastidos á moda. Quando encontravam o rapazinho, obrigavam-n'o a parar no pateo ou á porta, faziam-lhe festas, davam-lhe beijos e bolos. Elle, sempre desconfiado, mais inquieto do que alegre, timido do que agradecido, meditava longamente n'esses repentinos testemunhos de amisade.

—Porque é que a senhora do terceiro andar me dá amendoas e bolos, se não me conhece? perguntava pensativamente á irmã.

Depois, ruminando um momento, ajuntava com uma sagacidade que rasgava desoladores jorros de luz sobre o trabalho de reflexão n'esse pobre cerebro infantil.

—«Já sei porque... Se eu sou corcunda!

*

O trabalho abundava, o mealheiro engrossava n'um cantinho obscuro da gaveta da commoda de pinho; julho approximava-se e começavam já os preparativos da partida; compra d'uma bella mala de coiro, confecção do fato para o menino,—e o pequeno Gab, deslumbrado, não fallava aos condiscipulos senão na viagem e nos banhos do mar,—quando, á ultima hora, um incidente desgraçado veiu deitado por terra.

A joven esposa d'um empregado que morava no quinto andar, encarregára a costureira de arranjar e pôr á moda o seu vestido de noivado,—vestido que tinha custado bom dinheiro e que destinava a figurar nas *soirées* do proximo inverno. Uma noite, brincando com o tinteiro Gab deixou-o cair dos seus magros e fracos dedos, e a tinta derramou-se desastrosamente sobre o setim da saia... Não ralharam ao pequeno, não! mettia dó vêr a sua cara consternada, afflicta. A irmã suffocou um grito de terror; silenciosa, nervosamente, espojou o estoufo, mediu a extensão do desastre. A tinta estragára brutalmente oito metros de *moiré*. Contar a desgraça á visinha do quinto andar, mover-lhe a piedade em favor de Gab,—coisa em que não podia pensar: em primeiro logar, a mulher do empregado não era rica, e a sua *toilette* nupcial constituia seu unico recurso para os dias de ceremonia e de tralálá; depois, a costureira era altiva e briosa na sua pobreza, e entendia que era melhor reservar só para si as miserias da sua amargurada vida.

O expediente mais breve e digno era correr ao *Bon-Marché* e comprar a necessaria e egual porção de *moiré*. Oito metros a quinze francos, dava o total de cento e vinte francos,—a conta estava certa Rude brecha no mealheiro e no orçamento da viagem! Acabou-se; renunciaria aos banhos do mar este anno. Tanto trabalho, tanto suor perdido!—Beijou o pequeno Gab e recomeçou o trabalho.

*

No inverno seguinte, trabalhou-se duramente na sobre-loja. O outomno fôra chuvoso; a saude do pequeno Gab sentira-se bastante. Doiam-lhe os ossos,—talvez o rheumatismo,—tinha movimentos febris, tonturas de cabeça.

O doutor auscultando-o, tercera o naris e insistiu de novo que o levassem aos banhos, logo que viesse o estio, ou mesmo antes.

D'esta vez, negocio resolvido: custasse o que custasse iriam aos banhos do mar, por fins de maio; e a machina de costura recomeçava com mais precipitação o seu soar de gafanhoto, e as vigilancias prolongavam-se por horas mortas da noite. Para entreter o pequeno Gab, compraram-lhe um livrinho de imagens, em que não havia senão paisaigens maritimas: vistas de portos com embrenhadas florestas de mastros ao longo das muralhas dos caes; rochedos, penedias escarpadas lavadas pelas ondas espumosas; barcos de pescadores espalhados ao largo como uma revoada de gaivotas de brancas azas. A creança só falava do mar: via-o em sonhos, e ás vezes, em pleno dia, atravez o pardacento nevoeiro desdobrado no pateo, tinha allucinações doentias, imaginando o litoral batido pelas vagas e grandes espaços liquidos cortados por navios de enormes vellas enfunadas. Por vezes, tambem tomava da chaminé uma grossa concha de marisco; approximava-a do ouvido, e, pescoço enterrado nos hombros, olhos scismadores, escutava durante horas esse ruido de mar, que parece vir de longe, de muito longe, atravez o vasio da concha...

*

O inverno foi excepcionalmente humido e frio, e não tornei mais a encontrar o pequeno Gab sentado no degrau de pedra da porta. O medico prohibiu terminantemente que o deixassem sair. De tempos a tempo, via-o á janella, quando um dos cortinados estava affastado. Seus olhos tristes e cavos erravam no espaço, e, sobre o vidro claro os dedos magros desenhavam vagas formas de navios. Depois, de repente, seus olhos fixavam-se na janella em que eu estava de observação e, sentindo-se espiado, com um gesto feroz corria a musselina. Cerca de meiado de março deixei de o ver atravez a vidraça. Soffria cada dia mais de dores nas articulações, as pernas, demasiado debeis, não podiam com o fraco peso de seu corpinho; as vertigens eram mais frequentes e intensas. Passava entretanto dias inteiros na sua caminha, folheando pela centessima vez o livro de imagens, vendo o mar, os arumbos escumosos das praias, as areias doiradas, os vapores com os ondeantes penachos de fumo, as brancas véllas dos barcos dos pescadores. Não tinha renunciado ao pensamento da viagem.

—«Então, quando partimos?» perguntava elle á irmã, e quando ella lhe explicava que era preciso esperar pelo bom tempo, a primavera, elle replicava com a sua voz aguda, um pouco agastada:

—«E' que eu tenho pressa, quero curar-me depressa, quanto ante, para não te ver chorar».

E depois, pedia-lhe com amor que lhe indicasse o nome das cidades por onde havia de passar; sabia-os já todos de cór: Chantillu, Clermont, Amiens, em seguida Abbeville e por fim, o mar... O mar!

—«Logo que lá chegarmos, dizia elle, estou certo que deixarei de ter estas dores nos ossos que me fazem tanto mal».

Entretanto, para illudir o tempo, queria ter constantemente junto de si a grande concha rosada que havia em casa, o melhor enfeite da *salla*, e, o ouvido apoiado á curva nacarada, escutava attentamente o ruido longiquo d'esse mar encantado que o havia de livrar de todas as suas miserias.

Pela Paschoa não ouvi já o surdo rumor da machina de coser. Não se trabalhava com esse instrumento na sobreloja; comtudo, a luz do candeeiro doirando uma das vidraças muito antes do anoitecer, indicava que se velava sempre, junto do leito da creança enferma.

—«Cada vez está mais doentinha, murmurava a porteira apertando instivamente um gordúcho rapazelho nas saias; aquillo está por pouco... Coitadinho, será a sua felicidade»!

Uma manhã cruzei-me na porta com um estreito caixão levado por dois gatos-pingados e seguido da familia... Era o pequeno Gab que partia emfim para a sua viagem, pelo mar insondavel do Desconhechecido...

(Trad.)

Angello Oscar.

SECÇÃO AGRICOLA

POTHOS AUREA

O genero *Pothos*, da familia *Aroideas*, comprehendia em 1879, segnndo o sr. Engler, umas vinte e cinco especies distinctas. vinte e quatro das quaes originarias da Asia e Oceania tropical, e uma de Madagascar.

São plantas epiphytas e radicosas, suspendendo-se das arvores por meio de longos fios extremamente resistentes.

A estampa em frente representa o *Pothos aurea*, importado das ilhas de Salomão e posto á venda pelo sr. William Bull, de Londres. Esta *Aroidea*, trepadora por indole, é notavelmente distincta. As folhas, d'um bonito variegado, são cordiformes, de lados deseguaes, de côr verde escuro com manchas pronunciadas e irregulares de amarello claro, tendo aqui e alli um esbatido de verde-pallido-amarello.

Este *Pothos*, deixando-o crescer livremente, constitue uma planta altamante ornamental para forrar as paredes e obras de pedra tosca nas estufas quentes.

Coimbra—Jardim Botanico.

Adolpho Frederico Moller.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 16

Concessão de differentes mercês honorificas.

Varios despachos administrativos.

Decreto creando obrigações para occorrer ás despezas com a construcção de estradas reaes e districtaes.

Diario de 17

Portaria mandando abrir concurso, perante o respectivo prelado, para o provimento da parochia de Gave, no concelho de Melgaço.

Mappa dos registos e depositos de marcas de fabricas e commercio referente ao mez de dezembro de 1887.

Varios despachos de empregados aduaneiros.

Diario de 18

Audiencia de Sua Magestade El-rei, concedida ao novo ministro da Italia, e discursos trocados por essa occasião.

Aviso de sanidade declarando estar inficionado com o mal rubro ou tabardilho o departamento das Boccas do Rodano.

Mappas das patentes de invenção concedidas e caducadas, referidos ao mez de dezembro de 1887.

Secretaria da camara dos deputados: Relatorio da commissão nomeada para estudar o estado de segurança em que se acha a ponte sobre o rio Tejo, pertencente á Companhia dos caminhos de ferro do Norte e Leste.

Representação da Associação central de agricultura, contestando a representação das fabricas de moagem.

12

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Sentou-se immediatamente com as cãs arrepiadas, pegou no fato, apertou-o entre os braços como um falcão com a presa nas garras, e pregou os olhos sobre o peregrino com uma expressão de pasmo e de terror.

— Não temais nada, Izaac; lhe disse elle: venho aqui como amigo.

— O Deus de Israel vos recompense! disse o judeu começando a respirar. Estava sonhando... mas abençoado seja Abraham, era só um sonho. E que negocio podeis ter tão cedo com um pobre judeu?

— Advirto-vos que, se não partis immediatamente, e com a maior promptidão, correis grandissimo risco.

— Deus de Moisés? E quem é que póde ter interesse em pôr em perigo um pobre desgraçado como eu?

— Deveis saber melhor do que eu se alguem póde ter interesse n'isso; mas o que vos posso assegurar, é que hontem á noute o templario, atravessando a salla em que estava-mos, fallou em sarraceno a seus escravos, que entendi perfeitamente, e deu-lhes ordem de espiar a vossa patria do palacio, de vos conduzir prisioneiro ao castello de sir Filippe de Malvoisin, ou ao de sir Reginald Cabeça de Boi.

Não se póde descrever o terror de que o judeu foi salteado, quando ouviu esta terrivel noticia. Pareceu atterrado; um suor frio lhe resumou da fronte, deixou cair os braços sem movimento, a cabeça inclinou-se-lhe sobre o peito. No cabo d'alguns instantes recuperou, comtudo, forças bastantes para levantar-se da cama; mas este esforço esgotou-o: tremiam-lhe os joelhos com o peso do corpo, seus nervos e musculos pareciam ter perdido tdda a sua elasticidade; caiu aos pés do peregrino, não como um homem que se prostra por respeito, ou por reconhecimento, mas como derribado por uma força invisivel, que não deixa meio algum de resistencia.

— Poderoso Deus de Abraham! *foram as primeiras palavras que elle* pronunciou, levantando para o céu as descarnadas mãos, e debruçando-se até ao chão. O' santo Moyzés! O' bemaventurado Aarão! proseguiu, a minha visão não é um sonho inutil, e não foi em vão que m'a mandaste. Sinto os seus instrumentos de tortura rasgarem-me os nervos. Sinto-os passar sobre o meu corpo como as fouces, como as grades; e como as fachas de ferro sobre os homens de Rabbah, e as cidades dos filhos de Ammon.

— Levantai-vos Izaac, e escutai-me, disse o peregrino que olhava para elle com certo ár de compaixão, acompanhado de desprezo.

— Vosso terror nãs deixa de ser bem fundado, visto o modo com que os principes e fidalgos maltrataram vossos irmãos, para lhes extorquirem os thesouros; mas levantai-vos, torno a dizer-vos, e indicar-vos-hei o meio de vos remirdes d'este aperto. Deixai immediatamente este palacio, em quanto todos estão ainda dormindo. Conduzir-te-ei até á floresta por veredas ocultas, que eu conheco táo bem como o proprio guarda da floresta, e não me apartarei de vós senão quando tiverdes obtido o salvo conducto d'algum chefe ou barão, que se dirigir ao torneio, e de certo tendes os meios de vos assegurar a protecção.

Em quanto o peregrino indicava d'este modo a Izaac os meios de se obadir, o judeu começava a levantar-se e quasi polegada por polegada, até que se achou de joelhos. Deitou para traz os longos cabellos grisalhos, fitando no peregrino os negros olhos, que exprimiam ao mesmo tempo o terror e a esperança, não sem algum ressabio de suspeita. Mas quando ouviu as ultimas palavras, seu primeiro espanto tornou a accommettê-lo com toda a força, e tornou a cair com as faces em terra.

— Eu, possuir os meios de me assegurar a protecção d'alguem, exclamou elle. Ah! não ha para um judeu *mais do que um caminho* para obter protecção d'um christão; e com que a hei-de eu comprar, pobre desgraçado a quem as extorsões já reduziram á miseria de Lazaro!

Então, como se a desconfiança tivera soffocado n'elle qualquer outro sentimento: Por amor de Deus, mancebo, gritou de repente, por amor do pai mais poderoso de todos os homens, dos judeus e dos christãos, dos filhos d'Israel e d'Ismael, não me atraiçoeis! não tenho meios para comprar a protecção do mais pobre dos christãos, ainda que m'a concedessem por um real. A estas palavras levantou-se segunda vez, e agarrou-se á capa do peregrino, olhando-o com um ar humide e supplicante. Recuou este alguns passos, como se temesse ser manchado com este toque.

— Supposto que fosse portador de todas as riquezas da tua tribu, lhe disse o peregrino com um tom de despreso, que interesse tenho eu em prejudicar-te? o fato que me vês não te está dizendo que fiz voto de pobreza? Quando te largue, não me ha-de ser preciso senão um cavallo e uma sáia de malhas. Não julgues que desejo acompanharte, ou que tenho o projecto de tirar de ti alguma vantagem. Fica aqui, se tal é teu gosto. Cedric o saxonio póde conceder-te a sua protecção.

— Ah! exclamou o judeu; d'essa desde já me despreso. O saxonio e o normando desdenham ambos o povo israelita. E, atravessar só os dominios de Malvoisin, e de Reginald Cabeça de Boi, depois do que acabais de dizer-me, benefico moço, é cousa impossivel: acompanhar-vos-hei, apressemo-nos, fujâmos. Eis o vosso bordão; porque hesitaes?

— Não hisito, respondeu o peregrino, cedendo á pressa do seu futuro companheiro; mas cuido em assegurarnos os meios de sair do palacio; segui-me.

Conduziu-o ao quarto de Gurth, que tinha tido o cuidado de reconhecer na vespera, dissemos nós, e entrando lhe disse: Gurth, levanta-te, abre-nos a porta secreta do palacio, e faze-me sair com o judeu.

Gurth, cujas funcções, ainda que despreziveis hoje, lhe davam, na Inglaterra saxonia, tanta importancia como Eumeo em outro tempo em Itaca, ficou offendido com o tom imperioso e familiar de que se serviu o peregrino.

— Que é o que dizes? tornou-lhe sentando-se na cama; partir um judeu d'este palacio tão cêdo, e para mais despertar-me as suspeitas, em companhia d'um peregrino!...

— E tens razão, acudiu dizendo Wamba que n'aquelle ensejo chegava; que acabo de sonhar que tinha elle furtado um presunto.

— Seja como fôr, diz Gurth tornando a encostar a cabeça sobre o cêpo que lhe servia de travesseiro, o judeu e o christão terão a bondade de esperar que se abra a grande porta. Nós não consentimos que os nossos hospedes partam ás escondidas, e tão cêdo do palacio.

— Seja o que fôr, repetiu o peregrino com um tom firme, repito-vos que me não haveis de recusar o que vos peço.

Ao mesmo tempo, inclinando-se sobre a cama do porqueiro, disse-lhe ao ouvido algumas palavras em saxonio. Gurth sobresaltou-se como se fôra electrisado; e o peregrino, pondo o dedo na bôcca lhe disse: Sentido! Gurth, tu costumas ser discreto. Abre-nos a porta secreta e dir-te-hei o mais.

Obdecêu-lhe Gurth com um ar alegre e pressuroso. O judeu e Wamba seguiam-no ambos admirados da mudança súbita que se tinha operado nas disposições do guarda dos porcos.

— A minha mula! a minha mula! gritou o judeu chegando á porta escura. Não posso partir sem a minha mula!

— Vai buscar-lhe a mula, disse o peregrino a Gurth, e traze uma para mím, a fim de que possa segui-lo até pô-lo fóra d'estes arredores. Terei cuidado de a entregar em Ashby nas mãos d'algum homem da comitiva de Cedric... e tu, escuta... Disse o resto tão baixo que Gurth foi o unico que poude ouvi-lo.

— Com muito gosto! respondeu Gurth, não faltarei. E partiu ao mesmo tempo para ir procurar as mulas.

— Muto folgaria disse Wamba, assim que o seu camarada voltou as costas, que me tivesse ensinado tudo o que vós outros peregrinos aprendeis na Terra Santa.

— Emsinam-nos a dizer as nossas rezas, a arrependermo-nos de nossos peccados, a jejuar, e a mortificar o corpo.

— E' mister que tambem lá aprendeis mais alguma cousa... São as vossas rezas e o vosso arrependimento por ventura, que determinaram Gurth abrir-vos a porta escusa? E' com jejuns e mortificações que o decidistes a emprestar-vos uma mula do nosso amo; Se não tivesseis outros meios, não o resolverias com esta facilidade.

— Cala-te, disse o peregrino, que não és mais que um saxonio e sem miolos.

— Dizes bem, replicou o buffão; se eu fosse um normando como julgo que és, teria a fortuna por mim, e passaria por um homem sensato.

Gurth appareceu n'este momento do outro lado do fosso com as duas mulas. Os forasteiros passaram por uma especie de ponte levadiça da largura de duas pranchas; era justamente a da porta falsa e do postigo, praticada na paliçada exteror que conduzia ao bosque. Assim que o judeu acolheu a mula, deu-se pressa em atar á argola da sella, um saco de entretéla azul, que tinha cuidadosamente occultado debaixo da sua capa: Isto é para mudar de roupa, disse elle, e nada mais. Poz-se a cavallo com mais vigor e ligeireza, do que se compadecia com sua idade, e não perdeu um momento em arranjar a capa de fórma, que occultasse aos olhos de todos o pacote que levava na garupa.

O peregrino montou em sua mula com menos vivacidade; e no momento da partida, apresentou a mão a Gurth que a beijou respeitoso. O porcariço acompanhou com os olhos os dous viajantes até que se encobriram com o arvoredo, e depois de os ter perdido de vista, não ousava apartar-se d'ali, quando a voz de Wamba veio dar novo rumo ás suas idéias.

— Amigo Gurth, estou pasmado de ver quão cortez, quão attencioso estavas esta manhã. Ah! quem me dera ser peregrino, ou prior para ser o objecto dos teus respeitos, e dar occasião de exerceres essa tua intempestiva civilidade; e certo que me não contentaria com dar-te a minha mão a beijar em signal de agradecimento.

— E n'isto algum juizo mostras ter, se bem que julgas pela apparencia mas quem ha ahi que outro tanto não faça? Mas é tempo de cuidar no meu rebanho. A estas palavras entrou no palacio, seguido do companheiro.

Entretanto os dous viandante affastavam-se com uma rapidez que provava com que medo estava o judeu, que não era natural que gostasse, na idade em que estava, de caminhar com aquella préssa. O peregrino, que parecia conhecer todas as veredas da matta, conduzia-o pelas menos frequentadas, e mais d'uma vez entrou Izaac em sustos não fosse seu projecto entregál-o em poder dos inimigos de quem fugia.

Mereciam desculpa estas suspeitas porquê, á excepção do peixe voador que acha inimigos em dous elementos, não existia ser algum na natureza que fosse, como então os judeus, objecto d'uma perseguição tão geral e tão cruel. Depaixo dos pretextos mais especiosos e desarasoaveis, e com as accusações as mais injustas e absurdas estavam suas pessoas e bem expostas ao furor popular. Normandos ou saxonios, dinamarquezes, ou bretões, todos, ainda que inimigos uns dos outros, disputavam entre si qual seria o mais encarniçado contra um povo que todos assentavam ser um dever religioso detestar, insultar, desprezar, pilhar, e atormentar. Os reis de raça normanda, e os nobres independentes, que seguiam seus exemplos commettendo livremente actos de arbitrariedade, exerciam além disto, contra esta desgraçada nação, um systema de perseguição mais regular, e fundado sobre os calculos d'uma insaciavel cobiça. Bem sabido é o rasgo do rei João, que tendo feito fechar em um dos seus palacios um judeu opulento, fez-lhe arrancar cada dia um dente, até que o israelita, vendo metade da sua queixada desguarnecida, consentiu em pagar uma somma consideravel que o tyranno exigia. O pouco dinheiro que se achava no paiz existia entre as mãos d'este povo perseguido, e a nobreza não duvidava seguir o exemplo do monarcha, e pôr os judeus em contribuição, empregando contra elles todas as fórmas d'oppressão, e algumas vezes mesmo condemnando-os a torturas. D'outra parte a sêde d'ouro inspirava uma coragem passiva aos filhos d'Israel animando-os a supportar todos os perigos, todos os males para obter os immensos lucros que podiam fazer em um paiz naturalmente rico como a Inglaterra.

(Continúa.)

CORREIO DE LISBOA

20 DE ABRIL DE 1888.

Não tem apparecido incidentes desagradaveis no parlamento. Continuam por conseguinte bem as discussões alli propostas, e oxalá que assim continuem porque o contrario d'isso a todos prejudica.

— Não ha memoria de um exito egual ao que teve o emprestimo de 3:200 contos para estradas. A subscripção em Lisboa excedeu muitas vezes a emissão. Hontem as obrigações já tinham um premio de 1$000 réis, e a procura era incessante. A subscripção em Lisboa cobriu muitas vezes o capital offerecido. No Porto succedeu o mesmo. Os subscriptores de um titulo foram tres mil.

— A's exequias que se realisaram por alma das pessoas mortas no incendio do Baquet, assistiram os seguintes representantes da Casa Real: Duque de Palmella, em nome de Sua Magestade El-Rei; Visconde da Asseca, em nome de Sua Magestade a Rainha; Major Duval Telles, e conde de Sabugosa, em nome de Suas Altezas os Principes Reaes; Capitães Benjamim Pinto e Malaquias, em nome de Suas Altezas os Infantes D. Affonso e D. Augusto.

— Tem estado incommodada a ex.ma sr.a D. Julia de Castro, illustre filha do sr. presidente do conselho. Os amigos d'esta respeitabilissima familia fazem votos pelo prompto restabelecimento de tão sympathica dama. E' uma gastrica a molestia de que soffre.

— O sr. marquez de Pomares pediu e obteve a sua exoneração de governador civil de Lisboa. Motivos que não teem nada com a politica deram causa ao acto de s. ex.a Entrou em exercicio o seu substituto o sr. dr. Carlos José d'Oliveira, que já hoje se apresentou na secretaria.

— O *Diario do Governo*, de hoje, publica um novo regulamento para a cobrança do imposto do pescado.

— Como lhe disse na minha anterior, as obras do quartel do 10 de cavallaria vão receber um grande desenvolvimento. Deram-se para isso as ordens convenientes e vão ser mandados os fundos precisos. Agora não deverá faltar trabalho aos operarios, se da parte da direcção das obras souberem cumprir as ordens do illustre ministro da guerra.

— Trata-se de melhorar a sorte dos professores primarios. A commissão que aqui chegou será bem recebida pelo sr. presidente do conselho, de quem receberá affirmativas que a convençam dos bons desejos do governo.

— O conflicto que de novo se levantara entre os interesses de Braga e Guimarães póde considerar-se extincto, e ainda pelos bons officios do sr. presidente do conselho. O caminho de ferro para Chaves terá a testa em Braga, a linha será de via reduzida e passará em Guimarães. E' o que acaba de decidir-se entre alguns membros do gabinete e os deputados do districto de Braga. E' que não pódem ser melhores os desejos do governo a favor dos interesses publicos.

— A actriz Anna Pereira peorou. O seu estado não é lisongeiro.

— Da analyse das visceras do major Picão reconheceu-se que nenhum envenenamento houvera. E prende-se e persegue-se um homem tido por toda a gente como probo e incapaz de um acto mau, porque uns peritos de má morte, procedendo inconscientemente, se encarregam de o desacreditar e de o perseguir. Oh! justiça, justiça!...

— Continua a fallar-se na creação da nova Ordem denominada *Maria Pia* para premiar actos de philantropia e de virtude, sendo as distincções de duas classes: uma de concessão gratuita e outra com elevados direitos de mercê para actos extraordinarios de caridade. A referida Ordem poderá ser concedida tambem a damas.

— O paquete *Tagus* trouxe de Londres para o Banco de Portugal 100:000 libras, ou 450:000$000 réis. E' enorme a quantidade de moeda que quasi todos os mezes importamos de Inglaterra.

— Foram agraciados com a Ordem da Aguia Vermelha da Prussia, os srs. Xavier Machado, Malaquias de Lemos, officiaes ás ordens do senhor infante D. Augusto que o acompanharam ultimamente a Berlim.

— Vae ser naturalisado portuguez o subdito brazileiro sr. João Pereira Galvão, formado em phylosophia pela Universidade de Coimbra e residente em Villa do Conde.

— Nos concelhos de Alter do Chão e de Monforte, districto de Portalegre, foram organisados dois centros agricolas, o que denota vida n'este ramo de industria nacional.

— Vae ser agraciado com o titulo de visconde d'Oliveira Duarte, em duas vidas, o sr. Ricardo Fernandes d'Oliveira Duarte, capitalista.

— Consta que a propriedade do «Reporter» vai passar a outra empreza formada aqui por varios industriaes e capitalistas.

— A commissão executiva da exposição agricola pedio ao sr. ministro da fazenda que seja considerado armazem da alfandega o deposito dos productos agricolas destinados á exposição.

— Parece que o governo mandou uma portaria ao sr. procurador geral da corôa, determinando que qualquer processo proveniente das pastoraes do arcebispo de Larissa seja suspenso e archivado.

— Foi aposentado o sr. João José Correia, amanuense do ministerio da marinha.

— Partiram para Beja e Elvas os srs. visconde de Coruche, D. José Saldanha e Leonardo Torres, como delegados da Real Associação de Agricultura para a formação de centros agricolas, sendo a reunião em Beja no dia 20 e em Elvas no dia 23, contando já a adhesão de muitos lavradores d'aquella região.

— Sarah Bernhardt visitou duas vezes o *atelier* da sr.a duqueza de Palmella. Esta aristocrata artista apresentou-lhe o modelo em gesso do retrato em busto de Sarah Bernhardt, dizendo que lh'o offereceria quando estivesse reproduzido em marmore.

— Falleceu o tenente-coronel de engenheria o sr. Agnello José Moreira, que em tempo exerceu o cargo de engenheiro da camara municipal do Porto.

— As commissões de fazenda e das obras publicas decidiram fazer dous projectos, um relativo ao caminho de ferro do Algarve, outro sobre a colonisação do Alemtejo, sendo relator de ambos o sr. Elvino de Brito.

— Na missa campal que vai realisar-se ámanhã no hyppodromo de Belem, pelas melhoras de el-rei, a armada será representada por um contingente de 100 marinheiros.

— Realisou-se hontem a procissão da Senhora da Saude, denominada dos artilheiros. Numeroso povo enchia as ruas do trajecto, mas notava-se grande diminuição na ornamentação das ruas, onde era costume serem vistosos os embandeiramentos, os festões, etc.

— Foi approvado o projecto do rebaixamento da estrada da Guarda a Castello Branco, para uma passagem de nivel entre o Fundão e a Covilhã.

— Foi reduzido em beneficio dos lavradores, o custo do transporte de generos agricolas pelas linhas do sul e suéste.

— Foi nomeado superintendente do arsenal o sr. visconde de Paço d'Arcos.

— Partirum para as Caldas da Rainha os srs. condes de Valenças.

— Foi approvado o parecer definitivo sobre as comedorias dos officiaes de marinha.

— Os imperadores do Brazil chegam a Lisboa no mez de junho proximo, mas pouco se demoram, pois devem embarcar d'aqui para o Rio de Janeiro no paquete de 23 do mesmo mez.

— Na ultima sessão realisada da primeira classe da Academia Real das Sciencias foram eleitos socios correspondentes o chimico Barthelo, e o mathematico Ocagne.

— O banquete offerecido ao sr. Pinheiro Chagas realisa-se quinta-feira no salão do theatro da Trindade, presidindo o sr. conselheiro Serpa Pimentel.

— Foi á assignatura real o decreto attendendo, em parte, as reclamações dos viticultores. Além de museus consulares, o governo estabelece armazens para os productores exporem á venda os vinhos.

— A 1.a bateria de artilheria n.° 1, parte no dia 25 do corrente para as Vendas Novas.

— Os srs. duques de Bragança vão no proximo dia 2 de maio a Villa Viçosa assistir á exposição agricola, que a camara municipal da mesma localidade projecta fazer, a convite de sua alteza o principe D. Carlos, n'uma das salas do palacio real n'aquella villa.

— Partiram para o Porto, d'onde seguem para Roma, os srs. marquez de Penalva e José de Carvalho Daun e Lorena.

— A sr.a D. Maria Thereza Canavarro de Almeida e Brito, esposa do sr. Francisco de Almeida e Brito, illustre deputado por Anadia, deu á luz um robusto menino.

— As inscripções estavam hoje a 59,00!!

— São mais favoraveis as noticias que aqui se recebem n'este momento ácerca do estado do imperador da Allemanha. Os medicos julgam vencida a crize. A temperatura quasi que no seu estado normal. A expectoração não provém dos bronchios, mas da laryngе. Não ha vestigios de pneumonia. Em todo o caso o estado do imperador é gravissimo.

De França por em quanto nada transcendente.

Y.

TELEGRAMMAS

Paris, 16.—O general Boulanger foi eleito deputado pelo departamento do norte por 172:000 votos, obtendo o candidato republicado 85:000.

Berlim, 17.—O estado de saude do imperador Frederico III continuou até á noite melhorado, apesar da febre ter augmentado algum tanto.

O boletim medico diz que os maus symptomas da bronchite do imperador Frederico III diminuiram desde hontem, que a febre é menos intensa, que passou melhor a noite, e que o seu estado geral è satisfactorio.

As ultimas noticias accrescentam que o imperador ouviu esta manhã a leitura dos relatorios do sr. Abbedvll e que appareceu ao meio dia á janella do seu gabinete de trabalho; estas boas novas deram occasião a enthusiasticas acclamações da parte do publico de Berlim.

O kronprinz e o principe Henrique, que passaram a ultima noute em Charlottenburgo, já regressaram a Berlim, entrando aqui já de noute.

Dublin, 17.—O deputado irlandez snr. Dillon, foi preso hoje em Dublin.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro e cartorio do quinto officio—escrivão Dias da Silva—vão novamente á praça no dia 22 do corrente, por 11 horas da manhã, junto á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, por não haver lançador na primeira praça.

Metade de dous curraes sitos na Quinta das Henriques, no valor de 9$000 reis, metade do seu valor, e cujos curraes pertencem aos executados Antonio Nunes Pequeno e filhos, de Ilhavo, e penhorados na execução que lhes move Francisco dos Santos Lé, da villa d'Ilhavo.

Aveiro 16 de abril de 1888.

O escrivão interino

Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*Perdigão.*

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

SAUDE A TODOS Medicina com purgantes, sem despezas, com o uso da diliciosa farinha de *Saude*,

REVALESCIÉRE

DU BARRY, DE LONDRES

40 annos de invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargos na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, alta de restauração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa do cerebro e do sangue: 100:000 curas, entre as quaes se contam a de S. S. o Papa Pio IX, de S. M. o Imperador da Russia, do duque de Pluskow, das ex.mas sr.as marqueza de Brahan, duqueza de Castlestuart, dos ex.mos srs. lord Stuart de Decies, par de Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, o professor e doutor Benecke, etc., etc.

N.° 49:842: M.me Marie Joly, de cincoenta annos de constipação, indigestão, nervose, nesminlas, asthma, tosse, flatos, espasmos e nauseas.—N.° 46:270: M. Roberts, de uma constipação pulmonar, com tosse, vomitos, constipação e surdez de 25 annos.—N.° 46:210: O doutor em medicina Martin, d'uma gastralgia e irritação de estomago, que o faziam vomitar 15 a 18 vezes por dia, durante oito annos.—N.° 46;218: o coronel Watson, de gotta, nevralgia e constipação obstinada.—N.° 18:744: O doutor em medicina Shorland, de uma hydropisia e coustipação.—N.° 49:522: M. Baldwin, completa prostração, paralysia de membros, em consequencia de excessos da mocidade.

Cura n.° 80:416: O sr. doutor Benecke, professor de medicina na Universidade, refere-se da maneira seguinte á clinica de Berlim, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á *Revalesciére du Barry*.

«A creança, na idade de quatro mezes, soffria, sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos, que resistiam a todos os tratamentos da sciencia medica. A *Revalesciére* restabeleceu-lhe completamente a saude em seis semanas.»

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.

Preços fixos da venda em toda a peninsula.—Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500 reis; de 1/2 kilo, 800 reis; de 1 kilo, 1$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3$200 reis; de 6 kilos, 6$000 reis.

O melhor chocolate para a saude é o *Revalesciére Chocolatada;* ella restitue o appetito, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar; os preços são os mesmos da *Revalesciére*.

DU BARRY & C.a LIMITED—8, rue Castiglione, Paris; 77, Regent Street.—Londres.

Depositos—Em Aveiro: F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto: Cassels & C.a, 127, rua de Nousinho da Silveira.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

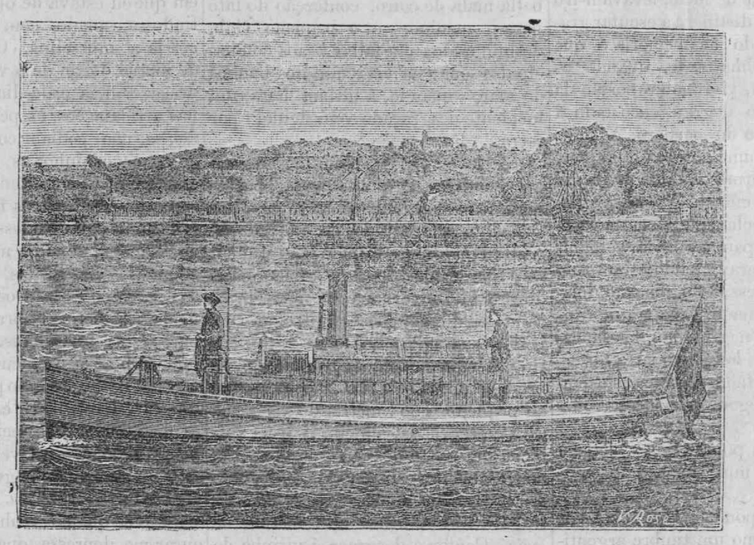
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVADEFOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e comdese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

SANTA CASA DA MISERICORDIA D'AVEIRO

ACHAM-SE vagas as duas capellanias d'esta Santa Casa, sendo uma com obrigação de missa aos domingos e dias santos, com o vencimento de 60$000 reis por anno; e outra com obrigação de missa diaria e serviço do hospital, com o vencimento de reis 180$000.

GRANDE NOVIDADE

GRAVATAS DE BORRACHA

LAVAM-SE como os collarinhos ficando logo promptos a uzarem-se. Preço 240 reis. Para as provincias enviam-se aquem remetter 300 reis em estampilhas ou valles.

142 — Rua Augusta — 148

Lisboa

Oliveira & C.a—4.° quarteirão—Por baixo do Hotel Duas Nações.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose,* assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

In Paris, Casa J. FERRÉ, Ph^ien, 102, rue Richelieu, 3^me de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Ph^acies.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS** PELO **XAROPE do D^r FORGET** Em todas as Pharmacias do Universo *Exija-se o endereço ao lado*

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias *Exija-se o endereço ao lado*

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten **com copahiba,** approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a **assignatura** de *Raquin* e o **sello official** (em azul) do *governo francez.*

DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES,** *78, Faubourg Saint-Denis,* PARIZ, e em todas as boas pharmacias do estrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN,** complemento de todo tratamento

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

Muito util tambem como *preservativo.*

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES**

78, Faubourg Saint-Denis, Pariz,

E em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Manuel Pinheiro Chagas

O Abbade Constantino, 1 volume..... 700

Manuel B. Branco

El-rei D. Manuel..... 700

D. Albertina Paraizo

Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888..... 240

D. Guiomar Torrezão

Almanach das Senhoras, para 1888... 240

Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888..... 200

Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888..... 200

Almanach Illustrado, por F. Pastor... 200

Os Antros de Paris

ULTIMA PRODUCÇÃO

DE

XAVIER DE MONTÉPIN

Romance em 5 volumes, illustrado com 15 cromo-litographias, aguareladas por Manuel de Macedo e executadas na litographia Guedes.

Traducção de A. M. da Cunha e Sá

10 reis cada folha—10 reis cada cromo—20 reis cada capa habilmente colorida. Lisboa 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas semanas, pagos adiantadamente. Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 42—Lisboa.

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES

AGUARELLAS

DE

Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malbôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS

DE

Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127, 1.° andar.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço..... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE.

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense illustrada com 500 gravuras

Emcvirtude dos muitos pedidos que temos recebido para abrirmos uma nova assignatura d'este admiravel romance que comprehende 5 volumes ou 70 fasciculos em 4.°, optimo papel e impressão esmeradissima, sendo illustrado com 500 gravuras, resolvemos fazel-o nas seguintes condições:

Os srs. assignantes pódem receber um ou mais fasciculos cada semana ao preço de 100 reis cada um, pago no acto da entrega. Tambem pódem recebor aos volumes brochados, ou encadernados em magnificas capas de percalina, feitas expressamente na Allemanha, contendo lindissimos desenhos dourados.

Preço dos volumes:—1.° volume brochado, 1$500 reis; encadernado, 2$400 reis; 2.° volume brochado, 1$350 reis; encadernado, 2$200 reis; 3.° volume brochado, reis 1$250; encadernado, 2$100 reis; 4.° volume brochado, 1$650 reis; encadernado, reis 2$500; 5.° volume brochado, 1$450 reis; encadernado, 2$300 reis. A obra completa em brochura, 7$250 reis; encadernada, reis 11$500.

Para as provincias os preços são os mesmos que no Porto, franco de porte; e sendo a assignatura tomada aos fasciculos, serão estes pagos adiantados em numero de cinco. A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas a remuneração de 20 por cento. ficando os mesmos encarregados da distribuição dos fasciculos.

Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz.

N. B.—Os preços acima exarados são assim estabelecidos unicamente em Portugal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á *Livraria Civilisação, de Eduardo da* Costa Santos, editor, Rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

FLOR DE MYOSOTES

ROMANCE ORIGINAL

Por Alberto Pimentel

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS

PARA AS FAMILIAS

Preço de assignatura

Um anno..... 4$200
Seis mezes..... 2$100
Numero avulso..... 200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Genelioux successores Porto.

RAMALHO ORTIGÃO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98—Porto.

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.° 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e data dos respectivos diplomas.

SILVIO PELLICO

AS MINHAS PRISÕES

TRADUCÇÃO

DE

CUNHA QUEIROZ

Um elegante volume in-8.°, de 332 paginas, illustrado, com magnifico papel. Preço 400 reis, pelo correio 450 réis. Pedidos aos editores Campos & C.a, 86, rua Augusta, 88—Lisboa.

UNIVERSO ILLUSTRADO

Semanario de Instrucção e Recreio

EDITORES, CAMPOS & C.a, LIVREIROS

Rua Augusta, 88

LISBOA

Segunda série—Segundo anno. Publicados 5 volumes de quatrocentas dezesseis paginas cada um. Em publicação do 6.° vol.

CARVALHO & PONS—EDITORES

Rua do Instituto Industrial, 23 a 21

LISBOA

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.° conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS

DO

SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR

Miguel da Costa Trindade

Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem: o Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qual foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos—Acções—Actas—Açudes—Aforamentos—Alcances—Alheação—Alfandegas—Alinhamentos—Arrematações—Arvores—Assembleias—Audiencias—Baldios—Boticarios—Brazões—Camaras Capellas—Carnes (fornecimentos)—Celleiros communs—Cemiterios—Companhias—Compasceo—Conflictos—Contas—Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das mais importantes d'esta collecção por que n'ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validado de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros accidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de reclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria,* Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO